



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS SOCIOLOGIA  
GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**MARIA TAMIRES FREITAS SILVA**

**SUJEITO E IDENTIDADE: teorias e concepções na modernidade e na pós-  
modernidade**

**SÃO BERNARDO**

**2019**

MARIA TAMIRES FREITAS SILVA

**SUJEITO E IDENTIDADE: teorias e concepções na modernidade e na pós-  
modernidade**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, campus São Bernardo, como requisito para à obtenção do título de graduada em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio.

SÃO BERNARDO

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor (a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Freitas Silva, Maria Tamires.

SUJEITO E IDENTIDADE: teorias e concepções na modernidade e na pós-modernidade / Maria Tamires Freitas Silva. - 2019. 56 p.

Orientador (a): Josenildo Campos Brussio.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2019.

1. Identidade. 2. Modernidade. 3. Pós-modernidade.  
4. Sujeito. I. Campos Brussio, Josenildo. II. Título.

MARIA TAMIRES FREITAS SILVA

**SUJEITO E IDENTIDADE: teorias e concepções na modernidade e na pós-  
modernidade**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, campus São Bernardo, como requisito para à obtenção do título de graduada em Sociologia.

Aprovada em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dr. Thiago Pereira Lima  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Profª. Drª. Ana Caroline Amorim Oliveira  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

A Deus.

À minha família pelo apoio, amor e incentivo,  
e principalmente por serem minha base.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pois é Dele que vem a força maior.

Aos meus pais, por todo o apoio e incentivo, pois foi a dedicação e o amor incondicional dos mesmos que me motivou a não desistir, foi por eles que permaneci firme em meus estudos.

Às minhas irmãs, por sempre estarem ao meu lado, dando o apoio necessário.

Aos meus familiares, por toda ajuda que me foi dada.

Aos amigos, por todo o apoio e ajuda.

Aos meus colegas de turma, por toda a ajuda e contribuição durante esses quatro anos de estudos, pelos momentos de alegrias, de comemorações, e até mesmo os de tristeza e estresse, pois todos serviram como aprendizado. Aprendi bastante com todos vocês, sempre serei grata pôr tê-los conhecidos.

Agradeço também ao Pedro Henrique, amigo e companheiro que sempre me incentivou e ajudou durante essa jornada.

Ao meu orientador, professor Dr. Josenildo Campos Brussio, por sua grande e valorosa ajuda, e incentivo durante esse processo de construção da monografia, e não só por isso, mas também por todo o ensinamento repassado nos encontros do grupo de estudos GEPEMADEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura).

E por fim, mas não menos importante, agradeço aos professores do curso, pelos ensinamentos durante esses quatro anos, sou imensamente grata por tudo que aprendi com cada um deles, obrigada!!

“A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluído, de dar forma ao disforme”.

Zigmunt Bauman

## RESUMO

Este trabalho objetivou compreender a construção da identidade do sujeito em meio ao contexto social, trazendo uma discussão pautada na modernidade e pós-modernidade, bem como algumas concepções críticas da relação sujeito e sociedade, e as concepções de identidade, para a partir disso compreendermos a ação que a sociedade tem sobre o sujeito e sua construção de identidade desde as sociedades pré-modernas. Trata-se de um trabalho de revisão de literatura, no qual utilizamos textos de autores renomados para a nossa escrita. Além disso, essa pesquisa faz-se relevante por trazer uma reflexão sobre a construção da identidade do sujeito e como a sociedade influencia nesse processo, uma vez que, atualmente o indivíduo vem passando por uma constante instabilidade de sua identidade, e tendo dificuldades de se auto identificar, resultado das constantes transformações nas relações sociais que a sociedade vem sofrendo ao longo dos anos. Dessa forma, no primeiro capítulo, achamos importante fazermos uma abordagem sobre as possíveis diferenças entre modernidade e pós-modernidade, buscando destacar suas aproximações e distanciamentos, bem como o que difere esse novo contexto social das sociedades pré-modernas, nas quais predominava a tradição, para que assim pudéssemos compreender os contextos sociais aos quais o sujeito vem se adequando, e assim, darmos início a segunda parte do trabalho. No segundo capítulo, desenvolvemos uma discussão voltada para as concepções críticas sobre a relação sujeito e sociedade, buscando compreender como a sociedade influencia no desenvolvimento social do mesmo, trazendo as concepções de Marx, Weber e Durkheim. No terceiro capítulo discorreremos sobre as concepções de identidade para autores modernos e pós-modernos, tais como Antony Giddens, Louis Althusser, Zygmunt Bauman; Manuel Castells e Stuart Hall. E no quarto e último capítulo mostraremos o resultado final através de um quadro sinóptico, no qual nos empenhamos em mostrar de forma resumida o que foi desenvolvido durante os três capítulos deste trabalho. E finalizamos com a conclusão, e as referências utilizadas no desenvolvimento do trabalho.

**Palavras-chave:** modernidade; pós-modernidade; sujeito; identidade.

## ABSTRACT

This work aimed to understand the construction of the identity of the subject in the middle of the social context, bringing a discussion based on modernity and postmodernity, as well as some critical conceptions of the relationship between subject and society, and the conceptions of identity, to understand this action that society has on the subject and its construction of identity from pre-modern societies. It is a work of literature review, in which we use texts from renowned authors for our writing. In addition, this research is relevant because it brings a reflection on the construction of the identity of the subject and how the society influences this process, since, currently, the individual has been undergoing a constant instability of his identity, and having difficulties of self-identification, the result of constant transformations in social relations that society has been suffering over the years. Thus, in the first chapter, we consider it important to approach the possible differences between modernity and postmodernity, seeking to highlight their approximations and distances, as well as what differs this new social context from premodern societies, in which the tradition prevailed, so that we could understand the social contexts to which the subject is fitting, and thus, to start the second part of the work. In the second chapter, we developed a discussion focused on the critical conceptions about the relation between subject and society, seeking to understand how society influences social development of the same, bringing the conceptions of Marx, Weber and Durkheim. In the third chapter we discuss the conceptions of identity for modern and postmodern authors, such as Antony Giddens, Louis Althusser, Zygmunt Bauman; Manuel Castells and Stuart Hall. And in the fourth and final chapter we will show the final result through a synoptic table, in which we endeavor to summarize what was developed during the three chapters of this work. And we conclude with the conclusion, and the references used in the development of the work.

**Keywords:** modernity; postmodernity; subject; identity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: aproximações e distanciamentos .....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>CONCEPÇÕES CRÍTICAS SOBRE A RELAÇÃO SUJEITO E SOCIEDADE .....</b>	<b>19</b>
<b>3.1</b>	<b>Karl Marx .....</b>	<b>20</b>
<b>3.2</b>	<b>Émile Durkheim .....</b>	<b>21</b>
<b>3.3</b>	<b>Max Weber .....</b>	<b>25</b>
<b>4</b>	<b>CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE NA MODERNIDADE E NA PÓS- MODERNIDADE .....</b>	<b>29</b>
<b>4.1</b>	<b>A identidade para autores modernos .....</b>	<b>29</b>
	<b>4.1.1 Anthony Giddens .....</b>	<b>30</b>
	<b>4.1.2 Louis Althusser .....</b>	<b>33</b>
<b>4.2</b>	<b>A identidade na concepção do pós-modernos .....</b>	<b>34</b>
	<b>4.2.1 Zigmunt Bauman .....</b>	<b>35</b>
	<b>4.2.2 Manuel Castells .....</b>	<b>41</b>
	<b>4.2.3 Stuart Hall .....</b>	<b>43</b>
<b>5</b>	<b>AMARRANDO AS IDEIAS: produto final .....</b>	<b>47</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>51</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, temos como proposta desenvolver uma discussão pautada na construção da identidade do sujeito e sua relação com a sociedade, trazendo também uma análise sobre modernidade e pós-modernidade ou modernidade líquida como é referenciada por Bauman (2001), a qual nos arriscamos a caracterizá-la como um contexto social que surgiu com a crise da modernidade (TOURAINE, 1994), e que trouxe consigo profundas mudanças relacionadas a vida do ser humano, dentre as quais destacamos a instabilidade da identidade do sujeito, uma vez que este encontra-se diante de um mundo onde as coisas mudam com grande frequência e inconsistência de forma imprevisível, inclusive a forma como as pessoas passam a viver, se relacionar e se reconhecer individualmente.

O interesse pela temática surgiu a partir da disciplina “Identidade e Multiculturalismo” ofertada no 6º período do curso de Ciências Humanas<sup>1</sup>. Foi através dessa disciplina que surgiu o interesse em desenvolver um trabalho voltado para a construção da identidade do sujeito, e a relação desde com a sociedade, buscando compreender como está influenciada na vida dos indivíduos, a ponto de interferir até mesmo na construção da identidade dos mesmos, e além disso, fazermos também uma análise dos contextos sociais modernos e pós-modernos.

Este trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos, finalizando com a conclusão e referências. É um trabalho de suma importância para que possamos compreender que atualmente o indivíduo vem passando por uma grande dificuldade de se auto identificar, seja por aspectos individuais ou sociais, e além disso, compreendermos o contexto social em que nos encontramos, bem como a relação sujeito e sociedade desenvolvidos desde as sociedades pré-modernas, as quais tinham sua base na tradição, e como essa tradição deixou de ser a principal influenciadora no desenvolvimento comportamentais dos indivíduos.

Na tentativa de compreender as diferentes concepções de identidade na modernidade e pós-modernidade, observamos, nas leituras, que esta discussão já ocorria entre os autores clássicos da sociologia (Marx, Durkheim e Weber). Todavia, eles ainda não utilizavam o termo “identidade” – visto que esta nomenclatura passou a ser utilizada com

---

<sup>1</sup> Disciplina ministrada pelo professor Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior. Docente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas Sociologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus São Bernardo. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre as Cidades (CITADINOS – UFMA). E-mail para contato: [clodomir.cordeiro@gmail.com](mailto:clodomir.cordeiro@gmail.com)

maior frequência após a crise da modernidade – e centralizaram as suas discussões em torno da relação sujeito e sociedade.

Vale ressaltar que as análises que apresentaremos nesta pesquisa não são simplesmente uma hipótese teórica que pretendemos desenvolver, ao contrário, escolhemos como metodologia a revisão de literatura justamente porque já existem diversas pesquisas e estudiosos que classificam alguns intelectuais entre teóricos da modernidade e pós-modernidade, mesmo que não haja uma classificação em comum entre eles.

Portanto, no primeiro capítulo, procuramos expor a caracterização da modernidade e pós-modernidade destacando o período em que se desenvolve cada um desses contextos sociais, e trazendo suas aproximações e distanciamentos. Trazer essa discussão inicial nos ajuda a entender como é a construção dessas sociedades ditas modernas e pós-modernas, desenvolvendo uma discussão voltada também para as sociedades pré-modernas, para que a partir dessa contextualização possamos compreender como a estrutura e desenvolvimento da sociedade interfere na relação sujeito e sociedade, afinal, ao falar da relação sujeito e sociedade, é importante que se desenvolva inicialmente uma abordagem sobre as estruturas sociais em que o sujeito está inserido.

No segundo capítulo, desenvolvemos uma discussão sobre as concepções críticas sobre a relação sujeito e sociedade trazendo as concepções de Weber, Durkheim e Marx, os quais desenvolvem uma análise crítica da relação sujeito e sociedade, e pautados na crítica desses autores buscamos entender como a sociedade influencia no desenvolvimento do sujeito, bem como na construção da identidade do mesmo.

Dessa forma, como nossa proposta está voltada para a construção da identidade do sujeito por meio da influência da sociedade, achamos importante trazer para o desenvolvimento deste trabalho as visões dos autores supracitados sobre a relação de sujeito e sociedade já que os mesmos fazem uma análise crítica dessa relação, e de como o indivíduo encontra-se preso às amarras da sociedade, para assim, darmos continuidade ao trabalho.

E no terceiro capítulo abordamos as concepções de identidade na modernidade e pós-modernidade. Neste capítulo, achamos importante fazer uma análise da identidade na modernidade ou para autores modernos, para em seguida iniciarmos nossa discussão com autores pós-modernos e suas concepções de identidade, já que a pós-modernidade é considerada a Nova Era do conhecimento, entendida para alguns autores como uma Era que substituiu a modernidade, e para outros sendo apenas a continuidade da mesma.

É uma Era que surge como um novo contexto social apresentando ainda alguns traços da modernidade, mas se diferenciando da mesma em nível de desenvolvimento e ações

da sociedade, tais como a própria identidade dos indivíduos. Para desenvolvermos essa parte do trabalho, abordaremos no primeiro subtítulo os autores Antony Giddens e Louis Althusser. E no segundo subtítulo Zygmunt Bauman; Manuel Castells e Stuart Hall.

Por fim, desenvolvemos o quarto capítulo, no qual mostramos o resultado final deste trabalho através de um quadro sinóptico. Finalizando com a conclusão, na qual fazemos uma abordagem sobre o que conseguimos compreender com todo o desenvolvimento e discussões pautados durante os três capítulos. Destacando primeiramente o que foi possível concluir com as discussões sobre modernidade e pós-modernidade, em segundo a relação sujeito e sociedade, e por fim sobre as concepções de identidade nos contextos modernos e pós-modernos.

## **2 MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: aproximações e distanciamentos**

Contextualizar a modernidade e a pós-modernidade não é tarefa fácil, não existem marcos temporais definidos que possam intercalar quando uma se inicia ou a outra termina. Todavia, as aproximações entre pensadores, a forma de analisar e compreender as relações sociais, as aproximações e distanciamentos das suas abordagens são os parâmetros que utilizamos inicialmente para “superficialmente” enquadrá-los em uma ou outra classificação.

A modernidade iniciou-se no século XVI na Europa, intensificando-se nos séculos XVII e XVIII, consolidando-se durante todo o século XIX, e se findando em meados do século XX, com a passagem para a pós-modernidade. Foi uma época marcada por mudanças políticas, econômicas, sociais e também culturais decorrentes da chegada do capitalismo enquanto marco da modernidade.

Tais mudanças ocasionaram impactos evidentes no modo de vida das pessoas, influenciando na maneira como viviam, trabalhavam e se relacionavam cotidianamente. Mudanças na relação de trabalho e no modo de produção, (as quais foram ocasionadas com a chegada da industrialização) e o deslocamento de saberes religiosos (os quais baseavam-se na tradição), são, para o saber científico, algumas das características da modernidade, tendo como ponto fundamental o Estado-Nação e o fortalecimento do mesmo (ARAÚJO, 2007).

O indivíduo passa a se desenvolver socialmente não mais baseado apenas em saberes religiosos os quais eram repassados tradicionalmente, mas também por meio de saberes científicos, os quais possibilitaram ao indivíduo compreender que a sociedade já não tinha mais seu desenvolvimento ligado somente ao viés religioso.

No entanto, os ensinamentos religiosos, tais como a construção familiar, o surgimento da humanidade, e as graças referenciadas a um único ser divino, não deixam de existir, mas tornam-se mais questionáveis aos olhos do homem, e esses questionamentos se deram graças aos surgimento e desenvolvimento dos saberes científicos.

Dessa forma, a “anti-tradição” (ARAÚJO, 2007) é uma das características da modernidade, ou seja, esta vai contra tudo ou quase tudo aquilo que era defendido pelas sociedades tradicionais (ao citarmos sociedades tradicionais, estamos nos referindo a era da Idade Média, mais precisamente, a Baixa Idade Média, onde se inicia a transição para a Idade moderna), a exemplo da religiosidade, a qual era considerada como fonte explicativa dos acontecimentos cotidianos da época. É baseada nessa anti-tradição (ARAÚJO, 2007) que a modernidade consegue se alicerçar e a partir disso levar o indivíduo a se desprender das

amarras geradas pelo pensamento tradicional.

As sociedades tradicionais são marcadas pelo coletivismo, pela agricultura, a tradição e a crença no sagrado, enquanto que nas sociedades modernas predomina o individualismo, o urbano e a razão. A coletividade presente nas sociedades que tinham por base a tradição, fazia com que deixasse de haver espaço para a individualidade, uma vez que, a tradição e mesmo a força coletiva do grupo moldavam os modos de pensar, agir e senti das pessoas. Por isso, ressaltamos que a modernidade se constitui a partir da intenção de rejeitar a tradição, já que na mesma os preceitos religiosos exerciam grande influência na formação social e individual do indivíduo, ou seja, os conhecimentos e saberes eram repassados tradicionalmente.

Assim sendo, a anti-tradição, enquanto característica da modernidade, seria, como já mencionamos, a rejeição da tradição, uma vez que esse novo contexto social surge com novas formas institucionais, bem como o capitalismo e a industrialização, sendo estes, aspectos que se diferem da estrutura social na qual se baseava as sociedades tradicionais, já que as mesmas tinham sua base construída no feudalismo (ARAÚJO, 2007).

A modernidade, como destaca Giddens (1991, p. 08), “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Para o sociólogo, a modernidade surge ligada ao capitalismo, à industrialização e em meio a outras formas institucionais (GIDDENS, 1991).

São essas novas formações institucionais que passam a influenciar na formação da identidade do sujeito em meio ao contexto social em que se encontram, neste caso a modernidade e todo seu desenvolvimento científico, tecnológico e globalizante. São essas bases de desenvolvimento da modernidade, tais como a industrialização, o capitalismo, os meios de comunicação, e também as novas instituições sociais e ideológicas que passam a agir sobre a ação dos indivíduos em sociedade.

Além disso, ressaltamos ainda que a modernidade, conhecida também como sociedade moderna ou civilização industrial (ARAÚJO, 2007) – já que o processo de industrialização ligado à Revolução Industrial do século XVIII e ao surgimento do capitalismo é um dos marcos da mesma –, está associada a algumas atitudes presentes no mundo. Entre as quais, mencionamos a ideia de que o mundo está sujeito a transformações, as quais decorrem da intervenção humana; a presença de instituições econômicas, como a produção industrial e a economia de mercado; e também as instituições políticas, como o Estado nacional e a democracia de massa e etc.

Tais aspectos diferem-se dos aspectos presentes nas sociedades tradicionais, visto que essas tinham suas bases formadoras pautadas na agricultura, no feudalismo, e também na crença, portanto, a anti-tradição (ARAÚJO, 2007) da modernidade, está pautada na negação de determinados aspectos das sociedades tradicionais.

De acordo com Giddens (1991, p. 11),

“O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante. Mas, a modernidade tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual”.

Para tanto, a modernidade trouxe consigo grandes conquistas, tais como a construção de um mundo mais democrático, e também o avanço técnico-científico, o qual possibilitou a melhoria do bem-estar da sociedade (ARAÚJO, 2007), quando comparado às sociedades tradicionais do sistema feudal.

No entanto, o mesmo desenvolvimento que trouxe o progresso coloca a população diante de um contexto de analfabetismo, pobreza, falta de saúde, desemprego e fome, não que estes fatores fossem inexistentes nas sociedades tradicionais, mas encontram-se quantitativamente e mais visíveis a partir do contexto moderno, capitalista, industrial e tecnológico.

Além disso, sobre o sujeito na modernidade, segundo Araújo (2007, p. 42) “há uma afirmação do ser humano como autônomo, livre, sujeito de si e da sua história”. Assim sendo, na modernidade o individualismo torna-se mais forte, uma vez que o sujeito passa a construir sua própria história a partir de sua vivência em sociedade, levando o mesmo a ter autonomia sobre si, o que pouco ocorria nas sociedades tradicionais. Uma vez que nesta predominava a coletividade, a qual impossibilitava o indivíduo de desenvolver sua própria autonomia, e fazer sua própria história ao se desprender das amarras geradas pela sociedade. Para tanto, seria o individualismo enquanto característica da modernidade, que possibilitaria o sujeito de ser considerado livre, autônomo e sujeito de si e de sua história, como destaca Araújo (2007).

No entanto, na modernidade a coletividade não deixa de existir, uma vez que a consciência individual é construída a partir da interação com outras pessoas na sociedade, ou seja, com a coletividade social. Portanto, não nos cabe negar a existência da coletividade na modernidade, apenas ressaltarmos que nesta a coletividade não tem tanta influência sobre os indivíduos como tinha nas sociedades tradicionais, pois os mesmos tornam-se mais

autônomos no que se refere as ações e funções diferenciadas dos demais indivíduos, e essa diferença se dá a partir do modo individualizado de ver os acontecimentos de determinada sociedade.

Mas essa individualização do sujeito ainda tem sua base formada a partir do que é transferido pelas instituições sociais. Portanto, há uma predominância maior do individualismo, mas ainda assim, o sujeito permanece ligado de alguma forma ao que é imposto e criado pela sociedade.

Após essa breve caracterização da modernidade, iniciaremos agora a discussão e caracterização da pós-modernidade. A iniciar pelo que Araújo (2007, p. 70) destaca que “a pós-modernidade se revela como o esgotamento e superação da modernidade. Trata-se da busca de uma nova época, que seria libertada dos efeitos perversos da época anterior”, neste caso a modernidade.

Como mencionado anteriormente, a modernidade trouxe consigo benefícios, os quais não podemos negar, todavia, ocasionou também consequências que causaram efeitos perversos à sociedade, e a partir daí iniciou-se a crise da modernidade (TOURAINÉ, 1994). Dessa forma, a pós-modernidade surge como um contexto social que serve como base para a superação da crise enfrentada pela modernidade a partir da Primeira Guerra Mundial em 1914-1918.

A pós-modernidade, considerada por alguns autores como uma nova época que superou a modernidade, e por outros como sendo apenas a continuidade desta, inicia o seu período no final do século XX para o XXI, e pode ser caracterizada como uma era social marcada pela fluidez e inconsistência dos acontecimentos sociais.

A sociedade pós-moderna se implanta em meio a um campo de batalha entre culturas, as quais tornam-se estranhas umas às outras, sendo essa uma consequência do multiculturalismo causado pelo processo de globalização presente na pós-modernidade. A pós-modernidade, ou modernidade líquida como é referenciada por Bauman (2001), apresenta as mesmas estruturas da modernidade, tais como individualismo, progresso, racionalidade, etc., todavia, apresenta-se com maior flexibilidade e fluidez.

Segundo Abreu (2006, p. 20), “a concepção de pós-modernidade hoje está sumariamente afastada do que já significou um dia: a transição do capitalismo para o socialismo”. Portanto, a pós-modernidade, como foi citado por Abreu, atualmente já não é mais vista tendo por base apenas a passagem do capitalismo para o socialismo, mas pode ser, antes, considerada a lógica que rege a fase atual do capitalismo, que seria o pós-industrial, pautado agora em um capitalismo financeiro.

Para Giddens (1991, p. 45)

A pós-modernidade se refere a algo diferente, ao menos como eu defino a noção. Se estamos nos encaminhando para uma fase de pós-modernidade, isto significa que a trajetória do desenvolvimento social está nos tirando das instituições da modernidade rumo a um novo e diferente tipo de ordem social. (GIDDENS, 1991, p. 45).

A pós-modernidade é vista por Giddens (1991) como algo diferente, algo que está direcionando um novo contexto social diferente das instituições da modernidade. A pós-modernidade nos direciona a um contexto social que foi iniciado pela modernidade, todavia, criado de maneira fraca o que ocasionou a crise desta, e logo o surgimento da pós-modernidade, a qual é considerada por alguns estudiosos como a continuidade da modernidade, tendo a mesma estrutura, no entanto, se apresenta de maneira diferenciada, trazendo consigo a flexibilidade e fluidez, afetando com isso o processo de construção da identidade do sujeito, a qual encontra-se fragmentada em meio a esse novo contexto social de instabilidade.

Com a crise da modernidade e o surgimento da pós-modernidade criou-se um cenário incerto, uma vez que a velocidade com que as informações eram repassadas e também as transformações culturais advindas com a pós-modernidade, afetaram a identidade do indivíduo, o qual passa a ter um caráter fluído, em que tal fluidez seria a maneira pela qual estes mesmos indivíduos poderiam adquirir a capacidade de se adaptar às mutabilidades ocorridas no contexto da contemporaneidade. É nesse contexto pós-moderno que a identidade sofre mudanças constantes, e a partir disso o indivíduo perde autonomia sobre si, passando a construir seu “eu” e sua identidade com base no que lhe é imposto pela mutabilidade dos acontecimentos da sociedade em que estão inseridos.

O que nos interessa é como esse novo contexto social pós-moderno, o qual Bauman (2001) chama de modernidade líquida, influencia, através de sua formação social e instabilidade com que as coisas ocorrem, na construção da identidade do sujeito. Não é apenas trazer uma discussão sobre sujeito, identidade, modernidade e pós-modernidade, é também analisar a identidade do sujeito em meio aos acontecimentos desses dois contextos sociais.

Portanto, desenvolver essa breve abordagem sobre modernidade e pós-modernidade, destacando suas aproximações e distanciamentos é de suma importância para que possamos compreender esses dois contextos sociais, já que nossa pesquisa está voltada para a fragmentação da identidade do sujeito em meio a esses dois contextos e, principalmente, a identidade do sujeito na pós-modernidade, uma vez que, apesar de a identidade do sujeito começar a se fragmentar na modernidade, a mesma só ganha maior

instabilidade e fluidez com a chegada a pós-modernidade. Agora passemos a uma reflexão sobre a relação sujeito e sociedade.

### 3 CONCEPÇÕES CRÍTICAS SOBRE A RELAÇÃO SUJEITO E SOCIEDADE

Com a modernidade, surge o antropocentrismo, o qual ressalta a importância e valor do ser humano, enquanto ser dotado de inteligência e capaz de mudar o meio em que está inserido, dessa forma, o ser humano passa a ser o centro do mundo. E a partir disso, há o desenvolvimento “da subjetividade, da autonomia e, por fim, também a visão de que o ser humano é o sujeito de sua própria história” (ARAÚJO, 2007, p.41), mas essa subjetividade não se torna uma qualidade definitiva do sujeito, uma vez que o mesmo, adquire maior autonomia sobre si mesmo, no entanto, não deixa de ter a influência da sociedade sobre suas ações sociais, passando a se desenvolver de forma mais objetiva, baseado em acontecimentos externos, do que de maneira subjetiva.

Enquanto o sujeito na modernidade era marcado pelo individualismo, em que este possibilitava ao indivíduo sua autonomia, sendo o mesmo, sujeito de si e de sua história, na pós-modernidade ainda há a presença do individualismo. No entanto, como esta é marcada pela flexibilidade, o sujeito passa a perder sua autonomia, uma vez que já não é mais conduzido pela sua própria visão de mundo, mas sim pelo que lhe é imposto pela sociedade através dos meios de comunicação, advindos da globalização e do processo tecnológico, enquanto marcos da pós-modernidade.

Ao discutirmos a relação entre sociedade e sujeito, seja no contexto moderno ou pós-moderno, é indispensável abordar a visão de alguns estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento. O sujeito, ao longo dos séculos tem sido alvo de discussões, as quais buscam compreender o seu papel na sociedade.

Dessa forma, vários historiadores, sociólogos, filósofos, psicólogos e demais pesquisadores buscam respostas para compreender a ação do sujeito em seu contexto social através do desenvolvimento de estudos voltados para o indivíduo e as relações sociais e como a sociedade age sobre os mesmos.

Para melhor compreensão a respeito da relação sujeito e sociedade, abordaremos nos tópicos seguintes a visão de autores como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Dada a complexidade teórica de muitos destes intelectuais, muitas vezes recorreremos a autores que já fizeram estudos sobre eles como referência para a construção de nossa argumentação.

### 3.1 Karl Marx

Passemos agora para a compreensão do sujeito na abordagem sobre a relação indivíduo e sociedade na visão de Karl Marx. Na obra “O manifesto comunista”, a qual foi desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels, ambos trabalham com a questão dos proletários e os burgueses. Marx e Engels (1848, p. 7) destacam que “a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes”. Marx trabalha a relação entre sujeito e sociedade a partir da divisão de classes, enfatizando sobre a divisão de classes sociais entre os burgueses e proletários na sociedade moderna ou o que ele chama de “sociedade burguesa moderna”, a qual segundo ele “brotou das ruínas da sociedade feudal”.

A sociedade era dividida em duas classes, a burguesia e o proletário. A classe burguesa era composta pelos grandes proprietários de empresas industriais, enquanto que a classe proletária era composta pelos indivíduos menos favorecidos, e considerados inferiores aos da primeira classe. Marx e Engels (1848, p. 9) frisam que “a grande indústria moderna suplantou a manufatura; a média burguesia manufatureira cedeu lugar aos milionários da indústria, aos chefes de verdadeiros exercícios industriais, aos burgueses modernos”.

Para tanto, se compreende que Marx trabalha a relação entre indivíduo e sociedade a partir da luta de classes entre os indivíduos, entre os quais eram divididos entre os mais e os menos favorecidos. Além disso, também enfatizou a exploração da mão de obra produtiva do proletário, enquanto classe menos favorecida.

Na obra “A ideologia Alemã”, Marx (1998) trabalha o sujeito a partir do modo de produção e divisão do trabalho, o indivíduo constrói sua existência a partir do seu modo de produzir, dessa forma o indivíduo passa a existir e a agir em sociedade a partir da sua maneira de produzir. Marx e Engels (1998, p. 10) destacam que o homem se diferencia dos animais “pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência”.

Portanto, os homens distinguem-se dos animais a partir do momento em que conseguem produzir seus próprios modos de existência, assim sendo, como os autores destacam, “ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material”.

Com relação a essa existência do homem a partir de seu modo de produção Marx diz que:

A maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de

mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção. (MARX, ENGELS, 1998, p. 11).

As relações entre os indivíduos se darão a partir da produção de existência, pois é esta que condiciona essas relações. Dessa forma, o homem precisa produzir modos de existências para que possa, a partir disso, manter uma relação entre os indivíduos. O modo de produção já estabelece um modo determinado de atividades que devem ser realizadas pelos indivíduos, determinando também a própria vida destes. Dessa forma, o que os indivíduos são está ligado à sua maneira de produção.

Além disso, Marx e Engels (1998, p. 11) destacam também que “as relações entre as diferentes nações dependem do estágio de desenvolvimento em que cada uma delas se encontram, no que concerne às forças produtivas, à divisão do trabalho e às relações internas”. São, portanto, esses três fatores, e como os mesmos são desenvolvidos, que possibilitam as relações entre as nações, e logo, entre os indivíduos.

Sobre a divisão do trabalho e ao trabalho em si utilizada por Marx, da qual nos apropriamos para entendermos a relação sujeito e sociedade na visão desse autor, Batista (2015, p. 12) frisa que “o trabalho é entendido por Marx como a atividade, por excelência, que funda a humanidade”. Assim, o trabalho seria o meio pelo qual a humanidade se fundaria, ou seja, é através deste que surge as relações sociais entre a humanidade. Seria esse o meio principal que possibilitaria a relação entre os indivíduos entre si e a sociedade, e que “faria do homem um ser social nas inter-relações socialmente desenvolvidas em torno do trabalho” (BATISTA, 2015).

Dessa maneira, percebemos a noção de sujeito para Marx se dá na relação entre sujeito e sociedade a partir dos modos de produção do trabalho, bem como, pelo papel exercido por esse sujeito na luta de classes sociais, resultantes daquele processo de produção. O autor destaca ainda que essas inter-relações seriam, desse modo, as relações de produção, e as relações sociais que elas possibilitam, a gênese de todo o processo de constituição da humanidade.

### 3.2 Émile Durkheim

Abordaremos agora a ação e relação entre sujeito e sociedade a partir da concepção de Durkheim, que trabalha com os conceitos de consciência individual e consciência coletiva. A primeira está relacionada à personalidade individual e determina a conduta dos indivíduos de acordo com seus próprios interesses. Enquanto que na segunda o indivíduo tem sua natureza formada a partir de interesses exteriores a ele. Dessa forma, podemos ressaltar que a consciência coletiva tem uma relação maior com as sociedades tradicionais, enquanto que a individual está presente nas sociedades modernas.

De acordo com Inácio (2016, p. 22), ao trabalhar a obra “Da divisão do trabalho social” de Durkheim (1999), ressalta que:

Durkheim argumenta que, nas “sociedades contemporâneas”, a consciência coletiva tende a enfraquecer, isto é, ela perde progressivamente a sua preponderância. A divisão do trabalho, que assume lugar central na estrutura daquelas sociedades, constitui um fator determinante para o enfraquecimento daqueles estados fortes da consciência. O autor observa como um fato que comprova esse fenômeno a progressiva diminuição da importância do direito penal, pois, nas referidas “sociedades contemporâneas”, predomina o direito repressivo, que regula as relações entre os indivíduos. A consciência coletiva deixa de ser soberana e as similitudes tendem a se tornar diferenças, pois a consciência individual adquire maior autonomia. A partir desse aspecto, Durkheim expõe a sua teoria do processo de diferenciação. (DURKHEIM, 1999 *apud* INÁCIO, 2016, p. 22).

Dessa forma, Durkheim (1999) procura compreender a formação do sujeito a partir da ação do indivíduo em sociedade trabalhando com a consciência coletiva e a individual. A consciência coletiva são as crenças e regras sociais que são comuns a todos os indivíduos e a consciência individual são os sentimentos particulares dos indivíduos. Na modernidade, a consciência coletiva tende a enfraquecer e a partir disso a consciência individual se fortalece ganhando maior autonomia, assim, o indivíduo passa a agir de forma mais individualizada, e essa individualidade se dá a partir da predominância do direito repressivo, o qual regula as relações entre os indivíduos (INÁCIO, 2016).

A consciência individual do sujeito ganha maior ênfase na modernidade, já que o mesmo deixa de ter como base apenas um padrão social único, como ocorria nas sociedades tradicionais, nas quais o sujeito tornava-se menos capaz de se desenvolver de forma autônoma, pois geralmente desenvolviam as mesmas atividades ou tinham a mesma personalidade por ter apenas uma base social a qual não se modificava, baseados em costumes tradicionais os quais eram repassados entre eles sem que houvesse o questionamento de determinados costumes.

Já nas sociedades modernas, essa realidade passa a ser diferente, uma vez que o indivíduo começa a se questionar a respeito de determinados hábitos e desenvolvendo-se de maneira mais individualizada, mas sem deixar, de certa forma, de sofrer influência da consciência coletiva, uma vez que, a coletividade ainda influencia na construção e desenvolvimento do sujeito, e talvez ainda mais que antes (porém de maneira diferente e em um outro contexto). Como exemplo dessa influência coletiva, podemos citar os meios de comunicação e as redes sociais, os quais são grandes influenciadores na vida dos indivíduos, principalmente, em suas personalidades. A diferença é que tais personalidades se desenvolvem de maneira diferente uma das outras, pois cada indivíduo entende e se apropria do que lhes é oferecido de maneiras diferentes entre si.

Ao diferenciar as sociedades tradicionais ou primitivas das sociedades modernas, Inácio (2016, p. 23) aborda que “Durkheim afirma que as ‘sociedades primitivas’ possuem condições de existência baseados em sentimentos perfeitamente idênticos, típicos de pequenas sociedades. E nas ‘sociedades contemporâneas’, as condições de vida são diferentes, os sentimentos são distintos, o que culmina em uma individualidade mais desenvolvida” (INÁCIO, 2016). Nas sociedades tradicionais, os indivíduos têm modos de agir mais idênticos e a consciência comum a todos possui um caráter mais definido, enquanto que nas sociedades modernas a consciência coletiva é indeterminada e os indivíduos tornam-se mais racionais.

Além disso, ressaltamos também que para compreender as relações sociais Durkheim desenvolve a obra “As regras do método sociológico” (2007), na qual estuda os fatos sociais, os quais desempenham uma força em relação aos indivíduos, e estes encontram-se coagidos a se adaptarem à determinadas regras que são apresentadas pela sociedade onde habitam.

Ao definir fatos sociais Durkheim (2007, p. 3-4) frisa que:

[...] consistem em maneiras de agir, de pensar, e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele. Por conseguinte, eles não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, já que consistem em representações e em ações; nem com fenômenos psíquicos, os quais só têm existências na consciência individual e através dela. Esses fatos constituem, portanto, uma espécie nova, e é a eles que deve ser dada e reservada a qualificação de sociais. (DURKHEIM, 2007, p. 3-4).

Os fatos sociais, como bem frisado pelo autor, são as maneiras como os indivíduos agem, pensam e sentem e que são exteriores aos mesmos, ou seja, estão presentes e são impostas pela sociedade onde o indivíduo vive. Tais ações exercem um certo poder sobre

os indivíduos, caso estes se imponham ao que é posto pela sociedade. É o que o autor chama de coerção, que seria a repressão exercida pela sociedade sobre os indivíduos.

Portanto, a sociedade passa a ter um domínio sobre o modo como os indivíduos devem agir na mesma, mantendo dessa forma, uma relação entre a construção individual e coletiva deste, já que o mesmo passa a adquirir maneiras e hábitos a partir de ações que são exteriores a ele (DURKHEIM, 2007).

Antes de chegar à definição de fatos sociais, Durkheim coloca como exemplos destes, os quais são exteriores aos indivíduos, a questão de determinada pessoa desempenhar o papel de irmão, marido e ou de cidadão, ou então o fato de essa mesma pessoa cumprir com os compromissos assumidos pelo mesmo. Sobre esses exemplos, Durkheim (2007, p. 1-2) destaca que “quando desempenho minha tarefa de irmão, de marido ou de cidadão, quando executo os compromissos que assumi, eu cumpro deveres que estão definidos, fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes”.

Tais deveres, segundo o autor são exteriores aos indivíduos, frisando, portanto, que “ainda que eles estejam de acordo com meus sentimentos próprios e que eu sinta interiormente a realidade deles, essa não deixa de ser objetiva; pois não fui eu que os fiz, mas os recebi pela educação” (DURKHEIM, 2007).

Portanto, o indivíduo encontra-se em meio a uma realidade posta pela sociedade, sofrendo grande influência da mesma em seus modos de agir socialmente. Para Durkheim (2007), o indivíduo assume papéis familiares como ser pai, mãe, filho, filha, irmão, irmã, marido, esposa, entre outros que lhe é materializado a partir das instituições sociais, ou seja, são deveres que já estão definidos pelo padrão social de dada sociedade.

Assim sendo, são atos praticados pelos indivíduos que independem de seus hábitos ou costumes internos, mesmo que os mesmos sejam sentidos interiormente, ainda assim tornam-se objetivos, uma vez que não foram criados e formulados pelo próprio indivíduo, mas sim, como destaca Durkheim (2007), recebidos pela educação. Dessa forma, a educação seria o modo de transmitir ou transferir determinadas maneiras de como o indivíduo deve agir em sociedade, mostrando seu papel enquanto cidadão e suas principais obrigações enquanto tal, diante de determinada sociedade.

Para entender a ação social que a educação exerce sobre o indivíduo e como este age em sociedade a partir de ações e deveres exteriores a ele, Durkheim elabora o livro “Educação e Sociologia”, no qual o autor desenvolve uma discussão pautada no papel da educação enquanto formadora do indivíduo em sociedade. O autor em seu livro desenvolve

inicialmente uma abordagem sobre o percurso histórico e definições da educação<sup>2</sup>.

Compreende que a educação é uma das ferramentas utilizadas pela sociedade para socializar o indivíduo de acordo com seus ideais, em que tais ideais são comuns a todos, mas em certo ponto podem apresentar suas diferenças e singularidades, dessa forma, a educação formaria o indivíduo partindo desses ideais apresentados pela sociedade. Com relação a essa discussão Durkheim frisa que:

[...]cada sociedade elabora um certo ideal do homem, ou seja, daquilo que ele deve ser tanto do ponto de vista intelectual quanto físico e moral; que este ideal é, em certa medida, o mesmo para todos os cidadãos; que a partir de certo ponto ele se diferencia de acordo com os meios singulares que toda sociedade compreende em seu seio. É este ideal, único e diverso ao mesmo tempo, que é o polo da educação. (DURKHEIM, 2011, p. 52).

Durkheim (2011, p. 54) ressalta ainda que:

Em cada um de nós, podemos dizer, existem dois seres que, embora sejam inseparáveis - a não ser por abstração -, não deixam de ser distintos. Um é composto de todos os estados mentais que dizem respeito apenas a nós mesmos e aos acontecimentos da nossa vida pessoal: é o que se poderia chamar de ser individual. O outro é um sistema de ideias, sentimentos e hábitos que exprimem em nós não a nossa personalidade, mas sim o grupo ou os grupos diferentes dos quais fazemos parte; tais como as crenças religiosas, as crenças e práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais e as opiniões coletivas de todo tipo. Este conjunto forma o ser social. Constituir esse ser em cada um de nós é o objetivo da educação. (DURKHEIM, 2011, p. 54).

Mediante o exposto, podemos depreender desta análise das contribuições de Durkheim (2011) que a educação é um processo essencial na formação do sujeito, uma vez que o indivíduo tem seu lado subjetivo e individual que é composto a partir dos valores, costumes e hábitos pessoais. Nesse lado subjetivo, a sociedade não tem influência direta na construção do mesmo. E o lado social do indivíduo, onde se dá a partir das relações sociais que estão exteriores ao mesmo. E podemos destacar aqui a questão dos fatos sociais que já frisamos anteriormente, os quais estão relacionados na maneira como as pessoas agem, pensam e sentem a partir do que está exterior as mesmas. Ou seja, são ações e fatos que estão exteriores aos indivíduos e que influenciam na sua maneira de agir socialmente, formando o ser social, em que tal formação desse ser em cada um dos cidadãos é o objetivo da educação, como frisado por Durkheim na passagem supracitada.

---

<sup>2</sup> Ver DURKHEIM, Émile; Educação e Sociologia; 1º capítulo: A educação, sua natureza e seu papel. Tradução de Stephania Matousek. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

### 3.3 Max Weber

Sabemos que a sociedade moderna passou por um longo período de consolidação a partir do século XVI até meados do século XX, influenciando o modo de vida dos indivíduos em suas dimensões econômicas, políticas e culturais. Com relação a compreensão da ação do sujeito em meio à sociedade e no contexto moderno, Max Weber parte do conceito de “ação social” (WEBER, 2012), tema usado por ele para compreender as condições em que se instaurou a racionalidade no mundo moderno. O sujeito é estudado por Weber a partir desse conceito de ação social, que seria a maneira como os indivíduos agem em meio a determinada sociedade.

De acordo com a dissertação intitulada “A sociedade moderna e a problematizações da experiência: o sujeito como prática de subjetivação”, de Ana Paula Rufino dos Santos (2017), para Weber:

[...] os indivíduos enxergam o mundo a partir de seus valores e estes são compartilhados, subjetivados de maneiras distintas, de acordo com os processos de interação, o meio cultural e o modo de assimilação dessa cultura a qual estão inseridos e de acordo com *os diferentes tipos de racionalidade empregados pelos indivíduos*. A ação social ocorre quando o indivíduo leva a ação dos outros em consideração no momento de tomar uma atitude, de praticar uma ação. (RUFINO DOS SANTOS, 2017, p. 4-5).

Desse modo, ressaltamos que para Weber os indivíduos têm sua própria maneira de ver o mundo e que tal maneira está pautada em seus valores individuais, os quais são compartilhados de modos diferentes, ou seja, são compartilhados de acordo com o modo como os mesmos conseguem interagir no meio cultural e social, e também da maneira como conseguem assimilar essa cultura a qual fazem parte, estando presente aqui a individualidade do sujeito na modernidade, a qual permite ao indivíduo ter sua autonomia.

No entanto, se percebe que essa individualidade mantém uma inter-relação com a coletividade, uma vez que, o sujeito vê o mundo a partir de seus valores individuais, porém, para que tais valores sejam compartilhados é preciso que haja a interação do sujeito com o meio cultural e social em que está inserido, logo, com a coletividade social.

Para tanto, a ação social ocorre quando o sujeito, no momento de tomar alguma decisão usa como referência a ação praticada por outros indivíduos. Assim sendo, compreendemos que o indivíduo age em uma sociedade levando em consideração a expectativa presente nos outros, e ao fazer isso estabelece uma relação com as normas institucionalizadas presentes na sociedade, as quais influenciam na maneira como o sujeito

deve agir no meio social em que está inserido.

Weber coloca a questão da subjetividade como força fundamental nos fenômenos sociais. Por isso, procurou encontrar em seus estudos econômicos o significado cultural, ou seja, os significados que os indivíduos atribuíram a determinados aspectos econômicos da vida social (SILVA, 1996).

Veja-se que a noção de sujeito de Max Weber difere da conceituação de Durkheim no aspecto da subjetividade. Enquanto aquele acredita que o sujeito vê o mundo a partir dos valores individuais, este preocupa-se em demonstrar o quanto o indivíduo é subjugado pela sociedade. A sujeição do indivíduo à sociedade é algo natural e aceitável, faz parte da natureza humana criar o mundo social, com regras e sentimentos morais para garantir a coesão entre os indivíduos, e, para que tais regras morais sobrevivam, necessitam tornar-se maior que seus criadores.

Para Weber o estudo sobre quaisquer fenômenos sociais não possui a priori um ponto de partida fixo. Entretanto, vê como ponto fundamental a ação do indivíduo, a motivação causal das ações individuais que compõem a sociedade. Por isso, refuta a ideia de que exista algum aspecto (econômico, social, político, ideológico) mais fundamental que outro (SILVA, 1996).

Sobre esse processo de constituição do sujeito e seus processos de subjetivação e objetivação, Noto (2009) ressalta ainda que:

O grande problema da constituição do sujeito a partir da objetivação de si e das práticas de si dirá respeito à situação limite do sujeito. Este estará posicionado, ao mesmo tempo, entre uma relação consigo mesmo e uma relação com os eixos do saber e os eixos do poder, exteriores ao próprio indivíduo. Pois, se por um lado, é o próprio indivíduo que se constitui como sujeito, por outro, as verdades que ele atribui a si e as práticas que realiza sobre si mesmo não são inventadas por ele, mas provenientes de modelos normativos existentes independentemente dele. (NOTO, 2009, p. 9).

Portanto, se o sujeito passa a ser compreendido a partir de sua objetividade, ou seja, de sua constituição a partir do que está exterior ao mesmo, isso fará com que toda sua constituição ou construção individual e social seja desenvolvida tendo por base somente saberes exteriores ao sujeito. Uma vez que, a constituição da objetividade do sujeito faz com que “as verdades que ele atribui a si e as práticas que realiza sobre si mesmo não sejam inventadas por ele, mas provenientes de modelos normativos existentes independentemente dele” (NOTO, 2009). Pois não há subjetividade criada independente das relações exteriores ao sujeito, mas sim, uma subjetividade que é constituída a partir dos modelos normativos que se

encontram exteriores a ele. Este é o problema da constituição do sujeito pela objetividade, pois sua subjetividade é construída não por meio de saberes construído individualmente por ele próprio, mas sim, por meio do contexto que se encontra exterior ao mesmo.

Para finalizarmos essa segunda parte do trabalho, ressaltamos que analisar a visão desses autores sobre o sujeito e sociedade é essencial para se compreender o sujeito e sua formação na sociedade, buscando destacar que o sujeito sofre influência da sociedade, e como essa influência interfere também na construção da identidade do mesmo. Já que sua identidade com a modernidade, e mais precisamente na pós-modernidade passa a ser construída baseada em grande parte no que está exterior ao indivíduo.

Como nossa proposta está voltada para a construção da identidade do sujeito por meio da influência da sociedade, achamos importante trazer para o desenvolvimento deste trabalho as visões dos autores supracitados sobre a relação de sujeito e sociedade já que os mesmos trazem uma análise crítica da relação entre sociedade e sujeito, e de como este encontra-se preso nas amarras da sociedade, para assim, darmos continuidade ao trabalho, iniciando o terceiro capítulo, no qual faremos uma discussão sobre as concepções de identidade a partir da modernidade e da pós-modernidade.

## **4 CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE NA MODERNIDADE E NA PÓS-MODERNIDADE**

Abordaremos adiante algumas concepções de identidade tanto na visão de autores modernos, como também dos pós-modernos. Achamos importante primeiramente fazer uma análise da identidade na modernidade ou para autores modernos, para em seguida iniciarmos nossa discussão com autores pós-modernos e suas concepções de identidade, já que a pós-modernidade é considerada a Nova Era do conhecimento, entendida para alguns autores como uma Era que substituiu a modernidade, e para outros sendo apenas a continuidade da mesma. É uma Era que surge como um novo contexto social apresentando ainda alguns traços da modernidade, mas se diferenciando da mesma em nível de desenvolvimento e ações da sociedade, tais como a própria identidade dos indivíduos.

Dessa forma, pretendemos neste capítulo fazer uma análise de como a identidade era trabalhada na modernidade, destacando algumas concepções de identidade que foram desenvolvidas nessa época. Além disso, analisar também a identidade na pós-modernidade, destacando as principais concepções sobre a mesma, e como o indivíduo encontra-se em meio a esse contexto social, uma vez que tanto a sociedade como a própria identidade do sujeito encontram-se diante de constantes mudanças e fragmentações.

Para desenvolvermos essa parte do trabalho, abordaremos no primeiro subtítulo os autores Antony Giddens e Louis Althusser. E no segundo subtítulo Zygmunt Bauman; Manuel Castells e Stuart Hall. A escolha desses autores se deu porque fazem uma discussão pautada na construção da identidade do sujeito em meio ao contexto social em que este se encontra inserido, destacando a sociedade como contribuinte nessa formação e construção da identidade dos indivíduos.

### **4.1. A identidade para autores modernos**

#### **4.1.1 Anthony Giddens**

Giddens (2002) em seu livro “Modernidade e Identidade”, expõe que:

Na alta modernidade, a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos, e sobre as intimidades do eu, se torna cada vez mais comum. A mídia impressa e eletrônica obviamente desempenha um papel central. A experiência canalizada pelos meios de comunicação, desde a primeira experiência da escrita, tem influenciado tanto a auto-identidade quanto a organização das relações sociais. Com o desenvolvimento da comunicação de massa, particularmente a comunicação eletrônica, a interpenetração do autodesenvolvimento e do desenvolvimento dos sistemas sociais, chegando até os sistemas globais, se torna cada vez mais pronunciada. O "mundo" em que agora vivemos, assim, é em certos aspectos profundos muito diferente daquele habitado pelos homens em períodos anteriores da história. É de muitas maneiras um mundo único, com um quadro de experiência

unitário (por exemplo, em relação aos eixos básicos de tempo e espaço), mas ao mesmo tempo um mundo que cria novas formas de fragmentação e dispersão. (GIDDENS, 2002, p. 12)

Na modernidade ou o que Giddens (2002) chama de alta modernidade, há grande influência das mídias sociais na vida dos indivíduos, os quais sofrem influência deste o primeiro contato com os meios de comunicação o que interfere no seu processo de auto-identidade, ou seja, de se auto identificar. Dessa forma, a identidade sofre influência por meio do processo de desenvolvimento das mídias eletrônicas de comunicação, as quais iniciam seu desenvolvimento na modernidade, mas ganham maior ênfase na pós-modernidade.

A identidade torna-se dispersa em meio a novos contextos sociais que são oferecidos aos indivíduos por meio das mídias, e a partir dessa problemática da dispersão da identidade é que se inicia a preocupação com a gama de possibilidades de identidades ou papéis sociais que podem ser vivenciados pelos indivíduos, tornando-os confusos com relação a sua auto-identidade. Pois como Giddens (2002) ressalta, a Modernidade é um mundo único, com um quadro de experiências unitárias, mas ao mesmo tempo, é também um mundo que possibilita novas formas de fragmentação e dispersão (GIDDENS, 2002, p. 12).

Essa fragmentação e dispersão do mundo moderno faz com que a identidade passe também por esse processo de fragmentação, mas tal fragmentação ganha maior ênfase na pós-modernidade, na qual a identidade é posta como um problema a ser entendido e que afeta o bem-estar do indivíduo e sua própria identificação pessoal.

Com o desenvolvimento da modernidade, surge também um número maior de problemas pessoais que interferem na vida dos indivíduos, os quais passam a viver em meio a conflitos pessoais tanto externos como internos, o que de certa forma ocasiona a dificuldade que o indivíduo passa a ter de se auto identificar (GIDDENS, 2002, p. 12).

Dessa forma, a modernidade traz mudanças importantes no ambiente social externo do indivíduo. Como Giddens (2002) ressalta, tais mudanças afetam o casamento e a família, bem como outras instituições; no entanto, as pessoas continuam vivendo suas vidas, enfrentando da melhor forma possível as transformações sociais à sua volta. Ou não? (p. 18).

Pois, de acordo com Giddens (2002), as circunstâncias sociais não são separadas da vida pessoal, nem apenas servem como pano de fundo para ela. Então, assim como as mudanças na vida pessoal das pessoas podem afetar sua maneira de agir socialmente, o contrário também pode acontecer, ou seja, as mudanças sociais também podem afetar a vida pessoal dos indivíduos.

A sociedade não deixa de ter influência sobre a maneira como o indivíduo

construí sua identidade. As regras impostas aos mesmos, e a forma como a mídia influencia na vida pessoal e social das pessoas, são exemplos de ações sociais que influenciam a maneira como os indivíduos agem social e individualmente. Portanto, há uma via de mão dupla, pois ao passo em que as modificações na vida pessoal do indivíduo podem mudar suas ações em meio a sociedade, mas sem deixar de sofrer influência da mesma, as mudanças sociais também interferem na vida pessoal dos indivíduos.

Portanto, segundo Giddens (2002):

O mundo da alta modernidade certamente se estende bem além dos domínios das atividades individuais e dos compromissos pessoais. E está repleto de riscos e perigos, para os quais o termo "crise" — não como mera interrupção, mas como um estado de coisas mais ou menos permanente — é particularmente adequado. No entanto, ele também penetra profundamente no centro da auto-identidade e dos sentimentos pessoais. O "novo sentido de identidade", que Wallerstein e Blakeslee mencionam como necessário após o divórcio, é uma versão aguda de um processo de "encontrar-se a si mesmo" que as condições sociais da modernidade impõem a todos nós. É um processo de intervenção e transformação ativas (p. 19).

Para tanto, a modernidade e seu desenvolvimento social afeta e influencia tanto na vida social como na vida individual das pessoas, estando repleto de riscos e perigos voltados para o processo de socialização e convívio dos indivíduos. Pois, o mundo moderno afeta também a auto-identidade, e penetra nos sentimentos pessoais dos indivíduos.

É a partir dessa penetração dos riscos da modernidade sobre os sentimentos mais pessoais dos indivíduos que o mesmo passará a entrar em conflito com sua auto-identidade, sua auto identificação pessoal. Pois estará rodeado de problemas pessoais vindos com a presença dos diferentes modos e estilos de vida presentes no mundo moderno, e isso o levará a sentir dificuldades de se auto identificar enquanto indivíduo pertencente aquele ambiente que o rodeia, e os diversos problemas presentes no mesmo.

As instituições sociais têm grande influência sobre os indivíduos e a construção de sua identidade, uma vez que desde seu nascimento são ensinados a como agir em meio ao espaço em que habitam. Somos ensinados a falar, a caminhar, a respeitar, e uma série de hábitos e comportamentos que nos é transmitido inicialmente através de nosso grupo familiar.

É claro que aprender a falar, comer e caminhar são ensinamentos comuns a todos os indivíduos, e tais hábitos não tem influência sobre a construção da identidade dos mesmos, pois não é a maneira como determinada pessoa come, caminha ou fala que irá definir a identidade da mesma.

A família é a base inicial que nos ajudará a entendermos nosso desenvolvimento e nossa identificação, já que essa última é construída também a partir desses primeiros

ensinamentos. Ressaltamos aqui que usamos a palavra construção, ao nos referimos à identidade, por acreditarmos que esta é construída socialmente e também culturalmente, já que o indivíduo já não nasce mais com uma identidade estabelecida, seja por meio de parentesco, ou por habitar em determinada localidade. Portanto, a identidade é construída socialmente, uma vez que tem grande influência do meio social em sua formação individual e social, e culturalmente quando tem como referência os hábitos e costumes de determinada cultura.

#### 4.1.2 Louis Althusser

Ao trabalhar sobre a ação de dominação que o Estado exerce sobre os indivíduos e sua formação enquanto proletários e burgueses, dominados e dominantes, e o desenvolvimento do capitalismo e da classe trabalhadora, Althusser em sua obra “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado”, desenvolve uma abordagem sobre os “Aparelhos Ideológicos de Estado”, os quais são denominados por Althusser como sendo “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, p. 43).

Essas instituições que são consideradas aparelhos ideológicos de Estados agem através da ideologia<sup>3</sup>. Segundo Hall “as ideologias constituem estruturas de pensamento e avaliação do mundo – as “ideias” que as pessoas utilizam para compreender como o mundo social funciona, qual o seu lugar nele e o que devem fazer” (HALL, p. 173). As principais instituições enquanto aparelhos ideológicos de Estado citados por Althusser, são:

O AIE religioso (sistema das diferentes igrejas); o AIE escolar (sistema das diferentes escolas públicas e particulares); o AIE familiar; o AIE jurídico; o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos); o AIE sindical; o AIE da informação (imprensa, rádio – televisão, etc.); o AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.). (ALTHUSSER, p. 43-44).

Como neste trabalho buscamos compreender a construção da identidade do sujeito, trouxemos os estudos de Althusser sobre os aparelhos ideológicos de Estados por considerarmos essas instituições citadas por Althusser, a base que contribuem na construção da identidade do sujeito.

O sujeito nasce em uma sociedade onde já existem regras estabelecidas, seja através do que Althusser denomina de “aparelhos (repressivos) de Estados” os quais de acordo com o mesmo, na teoria marxista “compreende: o Governo, a Administração, o

---

<sup>3</sup> Ver ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Tópico: A propósito da ideologia. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. Editorial presença; Martins Fontes.

Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, etc.” (ALTHUSSER, p. 42-43), e que agem por meio da repressão; ou através das instituições ideológicas, tais como família, igreja, escola, redes de informações, etc., as quais agem por meio da ideologia para atuar e influenciar na maneira como o indivíduo se desenvolve social e individualmente.

De acordo com Althusser na Idade Média “a Igreja (aparelho ideológico de Estado religioso) acumulava muitas funções hoje atribuídas a vários aparelhos ideológicos de Estado distintos, novos em relação ao passado que evocamos, em particular funções escolares e culturais” (ALTHUSSER, p. 57).

A igreja, enquanto instituição inicial formadora do indivíduo na Idade média, e que atuava ao lado do aparelho ideológico familiar, na Modernidade perde algumas de suas funções, as quais passam a ser ensinadas e transmitidas através de outras instituições a exemplo da instituição escolar. A escola passa a desempenhar funções antes atribuídas a igreja, tais como ensinamentos históricos, sociais, e até mesmo religiosos, e que não deixam de influenciar na construção da identidade do sujeito, já que o mesmo passa a se desenvolver, adquirir conhecimentos e comportamentos que são repassados por essas instituições e que ajudam ao indivíduo desenvolver e entender sua identidade, tanto social quanto individualmente.

Portanto, ao desenvolvermos uma abordagem sobre os aparelhos ideológicos de Estado de Althusser, buscamos analisar as instituições a partir de suas ações e contribuições para a construção da identidade do sujeito, visto que o mesmo se desenvolve a partir da compreensão do que é repassado diariamente através dessas instituições familiares, escolares, religiosas, informacionais, e etc. Dessa forma, a identidade tem sua base de construção nas instituições ideológicas sociais que atuam direta e indiretamente na vida dos indivíduos.

Contudo, ressaltamos que a identidade do sujeito na modernidade já começa a se fragmentar, e tem como principal contribuinte as relações sociais, uma vez que, com os processos tecnológicos e globalizantes que surgem com a modernidade, o indivíduo começa a sofrer uma influência ainda maior da sociedade.

No entanto, essa fragmentação e instabilidade da identidade do sujeito influenciado pela sociedade, ganha maior ênfase na pós-modernidade. Pois é a partir desse contexto que se inicia a liquidez e instabilidade da forma como as relações sociais ocorrem. Portanto, passaremos agora para a discussão sobre identidade na pós-modernidade.

## **4.2. A identidade na concepção dos pós-modernos**

Falar sobre o conceito de identidade é uma tarefa um tanto complexa. Para darmos conta deste desafio no contexto pós-moderno pretendemos contar com a ajuda de autores como Bauman (2005), Hall (2006), Castells (2000), pensadores dos estudos culturais que se esforçam para dimensionar o problema.

### **4.2.1 Zigmunt Bauman**

O leitor desavisado poderia à primeira vista relacionar a palavra identidade apenas a uma identificação documental, ou apenas se identificar com nome, profissão, etc. Autores como Bauman (2005) justificam de onde surgem estas acepções e entendimentos quando traz o conceito de identidade nacional. A abordagem que aqui faremos está para além desses aspectos mencionados, uma vez que trabalharemos com a identidade do sujeito diante de uma realidade pós-moderna, buscando compreender como o indivíduo se encontra em meio a uma sociedade flexível.

O conceito de identidade é amplo, pois fala-se em identidade social, identidade cultural, e assim por diante, cada uma com suas definições específicas. Bauman (2005) já havia dito em seu livro “Identidade” que “as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”.

Bauman (2005) usa a palavra identidade no plural porque segundo ele, a “era líquido-moderna” como o mesmo se referente a sociedade pós-moderna, faz com que as pessoas passem a ter identidades instáveis, flexivas, e não mais uma identidade única e estável. Entre essas identidades temos a que é de nossa própria escolha, ou seja, é nossa visão de mundo, nosso conhecimento e o que aprendemos desde nosso nascimento e desenvolvimento na sociedade que nos levará a fazer essa escolha pessoal.

Dessa forma, será uma identidade construída a partir de uma visão e aprendizagem pessoal, mas sempre dentro do social. Além desta, temos também, como Bauman (2005) menciona, as que são lançadas pelas pessoas que nos rodeiam, assim sendo, já não é uma identidade pessoal, mas sim uma análise que as pessoas fazem de nós, e a partir disso acreditam que somos como elas imaginam ou querem que sejamos.

Bauman (2005), ressalta também que a identidade no início da Era Moderna era considerada apenas como um objeto, estudada como um pano de fundo, pois ainda não se

tinha estudos aprofundados sobre essa problemática. Mas atualmente “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente”, assim destacada BAUMAN (2005).

Os estudos e análises profundas sobre identidade ainda não estavam no centro dos debates sociológicos, pois como o próprio Bauman destaca “[...] há apenas algumas décadas, a “identidade” não estava nem perto do centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica. Atualmente, no entanto, a “identidade” é o “papo do momento”, um assunto de extrema importância e em evidência” BAUMAN (2005).

Segundo Miranda (2012) a “identidade na Modernidade era uma tarefa de construção individual, ou seja, os indivíduos eram responsáveis por construir sua própria biografia”, e para isso acontecer havia a necessidade de um esforço pessoal de cada um. As pessoas tinham certeza do que queriam, de como seria construída sua biografia, sua identidade, pois os passos para tal construção eram claros e previsíveis (MIRANDA, 2012).

O indivíduo traçava seu caminho sabendo de seu objetivo, e tendo a certeza que este seria alcançado. E tinha essa certeza porque não se havia ainda uma flexibilidade ou uma instabilidade constante da identidade dos mesmos. Eles acreditavam na construção de uma nunca e estável identidade, pois a sociedade fazia-os acreditarem nessa estabilidade, uma vez que as instituições, tais como família, escola, etc., eram duráveis (MIRANDA, 2012), e isso dava-lhes segurança.

No entanto com o passar dos tempos essas certezas tornaram-se incertas, começaram a se desfazer, e os indivíduos já não estavam mais certos de qual caminho percorrer ao tentar construir sua identidade, uma vez que as coisas se tornam fluídas e instáveis graças a chegada da era líquido-moderna (BAUMAN, 2005) ou pós-modernidade.

Em sua obra “Identidade” Bauman aborda também sobre a identidade nacional dos indivíduos, os quais se identificariam enquanto indivíduos pertencentes a uma determinada nação. A ideia de identidade nacional surgiu da necessidade que as pessoas tinham em dizer a que nação pertenciam.

Bauman (2005) desenvolve uma discussão sobre o fato de que na Polônia as pessoas não sabiam o que responder quando questionadas sobre sua nacionalidade, pois não sabiam o significado de nação, logo, não tinham ideia do que seria pertencer a determinada nação. Dessa forma, segundo o sociólogo polonês, quando questionadas sobre a que nação pertenciam as pessoas respondiam apenas: “somos daqui”, “somos deste lugar”, pertencemos a este lugar” (BAUMAN, 2005). E assim, iniciou-se o que Bauman chama de “crise do pertencimento”.

Sobre o nascimento da identidade, da identidade nacional, bem como da crise do pertencimento, Bauman (2005) frisa que:

A idéia de “identidade”, e particularmente de “identidade nacional”, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato da vida” auto-evidente. Essa idéia foi *forçada* a entrar na *Lebenswelt* de homens e mulheres modernos – e chegou como uma *ficção*. Ela se solidificou num “fato”, num “dado”, precisamente porque tinha sido uma *ficção*, e graças à brecha dolorosamente sentida que se estendeu entre aquilo que essa idéia sugeria, insinuava ou impelia, e ao *status quo ante* (o estado de coisas que precede a intervenção humana, portanto inocente em relação a esta). *A idéia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento* e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela idéia – recriar a realidade à semelhança da idéia. (BAUMAN, 2005, p. 26)

Assim sendo, tanto a identidade, a forma como as pessoas se auto identificavam, como a ideia de identidade nacional, que seria as pessoas se identificarem enquanto pertencentes a determinada nação, não surgiram como algo natural da vida humana. E sim da necessidade que as pessoas sentiam em se autoidentificar, seja identificação de pertencimento ou não.

A identidade surgiu como uma ficção, essa ficção “é que o *nascimento [nascita]* vem à luz imediatamente como *nação*, de modo que não pode haver diferença alguma entre os dois momentos” (AGAMBEN *apud* BAUMAN, 2005). Esses dois momentos, nascimento e natividade são a base da soberania do Estado Nação, que seria o fato de o indivíduo tornar-se e sentir-se pertencente a determinada nação desde seu nascimento, ou seja, se auto identificar. Portanto, a identidade enquanto ficção dessa noção de nascimento e natividade foi a maneira gestada, criada, para as pessoas passarem a fazer sua autoidentificação.

Como a identidade havia nascido como uma ficção, precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar numa realidade (mais corretamente: na única realidade imaginável) – e a história do nascimento e da maturação do Estado moderno foi permeado por ambos (BAUMAN, 2005).

As pessoas precisavam compreender essa ideia de identidade, pois seria a partir dessa compreensão por parte dos indivíduos, que ocorreria a consolidação e concretização da identidade enquanto algo real, ou seja, enquanto uma realidade que fizesse parte da vida das pessoas. E essa introjeção da identidade enquanto realidade dos indivíduos foi possível por meio da ficção da “natividade do nascimento”. Foi essa a fórmula usada pelo Estado moderno para “subordinar incondicionalmente os indivíduos” (BAUMAN, 2005).

A identidade nacional estaria baseada nesse sentido de nascimento e natividade.

Ou seja, os indivíduos eram identificados enquanto pertencentes a determinada nação desde seu nascimento na mesma, era essa a maneira usada para coagir os indivíduos a sentirem-se pertencentes ao Estado moderno, pois Estado e nação, como é frisado por Bauman, precisavam um do outro. Assim, o Estado “buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e garantia de sua continuidade” (BAUMAN, 2005).

Para tanto, a identidade nacional criada pelo Estado como forma de induzir as pessoas a se identificarem enquanto indivíduos pertencentes a uma nação, busca uma fidelidade exclusiva de seu povo, e surge com objetivo diferente das demais identidades, o qual está pautado no direito monopolista. Assim, Bauman (2005) cita que a identidade nacional:

[...] nunca foi como as outras identidades. Diferentemente delas, que não exigiam adesão inequívoca e fidelidade exclusiva, a identidade nacional não reconhecia competidores, muito menos opositores. Cuidadosamente construída pelo Estado e suas forças (ou “governos à sombra” ou “governos no exílio” no caso de nações aspirantes - “nações *in spe*”, apenas clamando por um Estado próprio), a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre “nós” e “eles”. À falta do monopólio, os Estados tentaram assumir a incontestável posição de supremas cortes passando sentenças vinculantes e sem apelação as reivindicações de identidades litigantes. (BAUMAN, 2005, p. 28).

A identidade nacional por ser apenas algo construído como aparentemente natural começa a se desfazer principalmente com o surgimento e construção de novas identidades não mais baseadas no pertencimento a uma nação pelo simples fato de ter nascido em tal. Foi exatamente essa tentativa de naturalizar a identidade através apenas do nascimento e natividade que, ocasionou a crise da identidade nacional, a qual deixou de ter em que se sustentar diante da construção de novas identidades não mais baseadas somente no pertencimento a uma nação.

Dessa forma, “quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente por um “nós” a que possam pedir acesso” (BAUMAN, 2005, p. 30).

Para discutir a crise da identidade nacional, Bauman usa uma citação de Lars Dencik, o qual relata que:

As afiliações sociais – mais ou menos herdadas – que são tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definição de identidade: raça... gênero, país ou local de nascimento, família e classe social agora estão... se tornando menos importantes,

diluídas e alteradas nos países mais avançados do ponto de vista tecnológico e econômico. Ao mesmo tempo, há a ânsia e as tentativas de encontrar ou criar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade. Segue-se a isso um crescente sentimento de insegurança”. (DENCİK *apud* BAUMAN, 2005, p. 30-31).

A busca por novos grupos para construção de identidade leva a uma diluição das afiliações sociais, tais como raça, gênero, país, família, etc., que até então eram consideradas tradicionalmente como definidoras de identidades. Essa busca por construção de identidade além de tornar as afiliações sociais menos importantes em se tratando de bases para construção de identidade, faz com que ocorra também um sentimento de insegurança. Uma vez que os novos grupos onde os indivíduos buscam vivenciar o pertencimento e construir sua identidade, são frágeis e virtuais, já não há uma estabilidade dos grupos, levando o indivíduo a não sentir mais aquela sensação de “nós”, e de pertencimento único.

Desse modo, a identidade nacional entra em crise a partir do momento em que um novo mundo é conhecido, o mundo globalizante e tecnológico. O sujeito passa a viver de acordo com a nova era digital e globalizante, assim, Bauman (2005) destaca que “estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais”. Ou seja, o mundo tecnológico e aparelhos digitais levam o indivíduo a perder o contato e interação presencialmente com outras pessoas, uma vez que essa interação se dá agora através de aparelhos digitais, e a partir disso, surge o que Bauman chama de “líquido mundo moderno”.

De acordo com Bauman (2005):

[...] Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades *em movimento* – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. Para isso, não precisamos estudar e dominar o código de Goffman. Os celulares são suficientes. [...] Ligados no celular, desligamos da vida. A proximidade física não se choca mais com a distância espiritual. (BAUMAN, 2005, p. 32-33).

Bauman (2005) começa a destacar o surgimento da modernidade líquida. A identidade começa a está em constante movimento, e as pessoas já não conseguem mais se desvencilhar dos aparelhos tecnológicos, os quais contribuem com a movimentação das identidades, fazendo com que os indivíduos busquem grupos que possam se identificar, mas que já não conseguem mantê-los por muito tempo sem que sinta a necessidade de se interagir com um novo grupo de pessoas.

Dessa forma, “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não

funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 33). Aqui a identidade nacional já foi deixada de lado, e isso se deu ao surgimento dos processos tecnológicos, causa da globalização. O indivíduo passa a viver de acordo com os novos modos de vida, pautados em grande parte no uso de aparelhos tecnológicos, sendo estes uma das causas que levam a constante movimentação das identidades.

Além disso, Bauman destaca ainda que:

Fazer da “identidade” uma tarefa e o objetivo do trabalho de toda uma vida, em comparação com a atribuição a *estados* da era pré-moderna, foi um ato de libertação – libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas preestabelecidas e das verdades inquestionáveis. [...] A principal força motora por trás desse processo tem sido desde o princípio a acelerada “liquefação” das estruturas e instituições sociais. Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluída”. E os “fluídos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob influência até mesmo das menores forças. (BAUMAN, 2005, p 56-57).

Portanto, a identidade no mundo da modernidade líquida é colocada como sendo a libertação do indivíduo aos costumes tradicionais da era pré-moderna que conduzia o mesmo a viver diante de verdades consideradas inquestionáveis, é a libertação de um mundo limitado. Essa libertação tem como força motora o acelerado processo de liquefação das instituições sociais, e é por meio desta que se inicia uma passagem da fase sólida da modernidade para a fase fluída, é assim que se inicia a modernidade líquida, na qual o indivíduo passa por um grande processo de movimentação de suas identidades.

No entanto, questionamos, com a chegada da modernidade e pós-modernidade o indivíduo torna-se liberto “da inércia dos costumes tradicionais” (BAUMAN, 2005), mas, será que está liberto das amarras dessa nova era Líquido Moderna? Não, pelo contrário, o indivíduo tornou-se ainda mais dependente das ações sociais.

Entregou sua liberdade à sociedade, e tornou a prender-se na mesma, uma vez que, continua agindo e se autoidentificando com base em fatores que são proporcionados pela sociedade onde vivem. Passam a sofrer influência direta e indireta da mesma, passando a construir seu modo de vida e sua identidade com base no que é oferecido pelo sistema social midiático de comunicação, e conduzido a seguir regras sociais que limitam suas ações em sociedade.

Dessa forma, ao passo que ocorre a libertação de costumes tradicionais nos quais baseavam-se a identidade do sujeito, essa nova era também leva a um aprisionamento do indivíduo a uma construção de identidade baseada na fragmentação, na liquidez, na fluidez

das identidades (BAUMAN, 2001). O sujeito torna-se liberto de uma fase que o limitava, no entanto, prende-se a um novo contexto social que o conduz diariamente através de processos de modos de vidas midiáticos.

Para tanto, percebe-se uma longa passagem de acontecimentos ocorridos que se inicia deste o surgimento da identidade nacional. A qual surge a partir da crise do pertencimento, passando em seguida por uma crise de sua estruturação causada pelo processo de globalização que surge com grande influência sobre os indivíduos através de seus processos tecnológicos, em que o sujeito passa a ser influenciado pela globalização.

E a partir disso, se percebe o início da liquefação das instituições sociais, as quais deixam de ser estáveis, sólidas e passam por um processo de fluidez (BAUMAN, 2001), iniciando com isso a passagem da fase moderna sólida para a fluída. Ou seja, a passagem para a modernidade líquida, na qual os indivíduos sentem a necessidade de está em constante movimentação, sendo este o panorama atual da identidade, ou seja, uma identidade em que sua construção é baseada na liquidez dos acontecimentos. Pois como Bauman (2005) expõe:

O verdadeiro problema e atualmente a maior preocupação é a incerteza oposta: qual das identidades alternativas escolher e, tendo-se escolhido uma, por quanto tempo se apegar a ela? Se no passado a “arte da vida” consistia principalmente em encontrar os meios adequados para atingir determinados fins, agora se trata de testar, um após o outro, todos os (infinitamente numerosos) fins que se possam atingir com a ajuda dos meios que já se possui ou que estão ao alcance. A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolhas. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que você pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação. (BAUMAN, 2005, p. 91-92).

Assim, para Bauman (2005) a identidade torna-se uma incerteza e preocupação da atualidade. Uma vez que a mesma passa a ser construída com base em uma experimentação, como se fosse apenas, metaforicamente falando, uma roupa que é trocada constantemente, deixando de ter estabilidade.

A identidade na pós-modernidade, é fluída, o que leva ao indivíduo a está em constante experimentação de novas identidades quando estiver insatisfeito com a que exhibe em um dado momento. E assim, “a construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável” (p. 91). E é nessa análise da fluidez dos acontecimentos e relações sociais que se desenvolvem na Modernidade líquida (BAUMAN, 2001), que desenvolvemos nossa tentativa de entendermos a problemática da construção da identidade do sujeito em meio a instabilidade e transformações das relações sociais.

#### 4.2.2 Manuel Castells

Outro autor que pode nos ajudar a refletir sobre a identidade é Manuel Castells. Para a Sociologia, a identidade é construída a partir do meio social em que o indivíduo está inserido. Sobre a construção da identidade Castells destaca que:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço. (CASTELLS, 1999, p. 23)

Como destaca Castells (1999) a identidade pode ser construída a partir de alguns fatores, dentre os quais o autor cita a matéria-prima, a qual é fornecida pela história, pela geografia, etc., ou seja, fatores históricos e geográficos podem influenciar na maneira como a identidade do sujeito é construída, em outras palavras, o contexto histórico e geográfico, bem o biológico pode ajudar na construção de identidades.

Mas além disso há influência também da memória coletiva e das fantasias pessoais. A primeira está relacionada aos fatores vivenciados socialmente de forma coletiva, em convívio com outras pessoas, com outros estilos de vida, e ações coletivas, e a segunda seria a personalidade pessoal construída interiormente pelo indivíduo a partir das convivências coletivas.

O indivíduo passa por um processo de construção de sua identidade a partir da coletividade, pois é por meio de sua atuação coletiva, ou seja, da vivência na sociedade com outras pessoas é que o sujeito constrói sua própria identidade. A família seria a base para a construção da identidade coletiva do sujeito, tendo como base seguinte a sociedade e as regras impostas pela mesma.

Ou seja, as instituições sociais, tais como escola, igreja, e a própria família, as quais são as bases principais para a construção de uma identidade coletiva, para que a partir desta, o indivíduo possa construir sua identidade individual. Portanto, é a partir dessa convivência coletiva que o sujeito irá construir sua identidade pessoal.

É importante ressaltamos que a coletividade nas sociedades moderna e pós-moderna influencia na forma como o sujeito deve agir em meio a determinada sociedade. O indivíduo passa a seguir regras que são comuns a todos. No entanto, isso não o impede de

desenvolver sua individualidade, como no caso das sociedades tradicionais, nas quais a coletividade agia e interferia de maneira muito significativa no modo de vida das pessoas. E isso fazia com que o indivíduo se tornasse menos apto a desenvolver sua individualidade, uma vez que a coletividade tinha grande influência na maneira de agir, pensar, e sentir das pessoas.

Castells (1999) destaca que “quem constrói a identidade coletiva, e para que essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com elas se identificam ou se excluem” (p.23).

Assim sendo, a identidade coletiva do indivíduo é construída a partir de conteúdos simbólicos os quais são determinados pelas relações de poder. Dessa forma, a partir das simbologias de determinada identidade, é que a identidade coletiva do indivíduo seria construída, caso este encontrasse significados aos quais pudesse se identificar, uma vez que, “a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder” (CASTELLS, 1999, p. 24).

Ao abordar sobre a construção de identidade com base na relação de poder, Castells expõe três tipos de construção de identidades distintas, as quais se definem como:

*Identidade legitimadora*: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação de Sennet, e se aplica a diversas teorias do nacionalismo. *Identidade de resistência*: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos, conforme propõe Calhoun ao explicar o surgimento da política de identidade. *Identidade de projeto*: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. (CASTELLS, 1999, p. 24).

A primeira ideia de construção de identidade, a identidade legitimadora, está voltada para o poder que as instituições sociais exercem sobre os indivíduos e na sua construção de identidade, tornando-os dominados pelo sistema social. A segunda construção de identidade, que é a identidade de resistência, é construída por indivíduos que se encontram em posições sociais desvalorizadas pelas instituições de poder e dominação, e sentem a necessidade de resistirem a qualquer tipo de dominação impostas por essas instituições sociais.

E a última construção de identidade, a identidade de projeto, refere-se à ação dos indivíduos em sociedade a partir da construção de uma nova identidade pautada em algum

aspecto cultural, e a partir disso passam a buscar pela transformação da estrutura social. Castells destaca como exemplo dessa identidade, o projeto que baseia a construção da identidade a partir de materiais culturais, como o caso do feminismo, o qual, segundo Castells (1999) “abandona as trincheiras de resistências da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e, assim, a toda a estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram” (1999, p. 24).

### 4.2.3 Stuart Hall

Por fim, trazemos as ideias de Stuart Hall para o debate. Ao trabalhar identidade, Stuart Hall (2006, p. 10) destaca três concepções de identidade, as quais são divididas em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, como identidade do “sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno”.

O sujeito do Iluminismo, seria aquele que é “centrado, unificado e dotado das capacidades da razão”. Ou seja, a identidade do sujeito nessa concepção é baseada na racionalidade, o que possibilitava ao sujeito se desenvolver sem perder sua essência, desenvolvia-se, mas “permanecendo essencialmente o mesmo”, ou seja, sua identidade permanecia estável e imutável.

Com relação ao sujeito sociológico, Hall destaca que:

A noção de sujeito sociológico, refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. (HALL, 2006, p. 11).

Nessa concepção de identidade a partir do sujeito sociológico, a identidade já começa a perder sua instabilidade, passando a ser construída através de sua interação com o eu individual do sujeito e a sociedade, ou seja, a identidade do sujeito sociológico é construída a partir de sua interação em relação com o meio social, o que Castells (1999) vai chamar de identidade coletiva, construída a partir da coletividade social.

Hall destaca ainda que o “sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’ ”, como no caso do sujeito do Iluminismo, no entanto, esse “eu” “é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”. É o que Giddens (2002, p. 79) chama de “estilos de vida”, como sendo “um conjunto integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas

práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade”.

E a última concepção de identidade abordada por Hall (2006) é a do sujeito pós-moderno. Nessa concepção o sujeito é definido “como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”. Na concepção pós-moderna, a identidade do sujeito passa a sofrer alterações com frequência, fazendo com que o indivíduo deixe de ter uma identidade estável e imóvel e passe a ter uma identidade fragmentada, sendo esta uma consequência da pós-modernidade e seu avançado processo de transformação social.

É a partir dessa concepção de identidade fragmentada, que a mesma deixa de ser definida biologicamente como era nas sociedades tradicionais ou pré-modernas – nesse caso se adequa o sujeito do Iluminismo enquanto possuidor de uma identidade centrada na razão – e passa a ser definida historicamente.

Dessa forma, na pós-modernidade, não há mais a noção de que a identidade é construída biologicamente, ou seja, a pessoa já nasce sabendo sua identidade<sup>4</sup>, como ocorria nas sociedades tradicionais, mas passa a ser construída historicamente, através do que é exposto ao indivíduo em sua relação com o meio social.

Portanto, a construção da identidade dos indivíduos na sociedade pós-moderna está estritamente ligada à relação com meio social, em que o mesmo faz parte. Assim, podemos dizer que a sociedade tem grande influência na construção da identidade dos indivíduos, e essa influência se dá deste as sociedades modernas.

A identidade do sujeito na modernidade é estável e imutável, o indivíduo consegue construir uma identidade fixa baseada em hábitos e costumes familiares e sociais, tendo conhecimento de sua identidade. Porém, ainda nesse contexto moderno, a identidade do sujeito já começa a apontar os primeiros sinais de instabilidade. Mas tal instabilidade e fragmentação da identidade do sujeito só ganha maior ênfase na pós-modernidade, na qual a mesma torna-se fragmentada, e o indivíduo já não consegue mais manter uma identidade estável, uma vez que se encontra em meio a uma gama de informações e transformações sociais que acabam afetando na construção de uma identidade fixa do sujeito.

Vale lembrar que a proposta do nosso trabalho é refletir sobre a identidade e o sujeito na modernidade e na pós-modernidade. Agora deparamo-nos com a fragmentação e

---

<sup>4</sup> Bauman afirma que existem dois tipos de comunidades (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem): as primeiras são as comunidades de vida e de destino – as que “vivem juntos numa ligação absoluta”; as segundas são as “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”. É nestas últimas que a questão da identidade emerge, devido ao fato de existir mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundada por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural (BAUMAN, 2005, *apud* FERREIRA; BRUSSIO, 2017, p. 531).

instabilidade da identidade do sujeito na pós-modernidade, bem como foi abordada na última concepção de sujeito citada por Hall, ou seja, o sujeito pós-moderno já não consegue manter uma identidade fixa.

A fluidez das várias identidades de um mesmo sujeito na pós-modernidade pode ser considerada como uma necessidade que os indivíduos passam a ter, uma vez que a sociedade em si passa também por uma fluidez estando em constante transformações de seus meios sociais e até mesmo das instituições. E para se adequar a esses processos de transformações e desenvolvimento faz se necessário que ocorra também mudanças de identidades do sujeito, para que possam atender as necessidades individuais.

Até então conseguimos perceber que a identidade na pós-modernidade tem seu foco de construção voltada para a instabilidade. Bauman (2005) e Hall (2006) ressaltam bem esta questão da fluidez das identidades, em que o sujeito já não tem mais autonomia sobre si mesmo, uma vez que a sociedade lhe impulsiona a estar em constante transformação, já que ela própria também sofre diversas transformações.

E como ocorre essas mudanças de identidade do sujeito em meio a cada contexto social em que se encontra, o mesmo passa a se desvincular de uma identidade e adquirir uma nova identidade com muita rapidez. No entanto, isso faz com que o indivíduo tenha dificuldades de manter uma identidade estável, pois encontra-se disperso em meio a tantas mudanças.

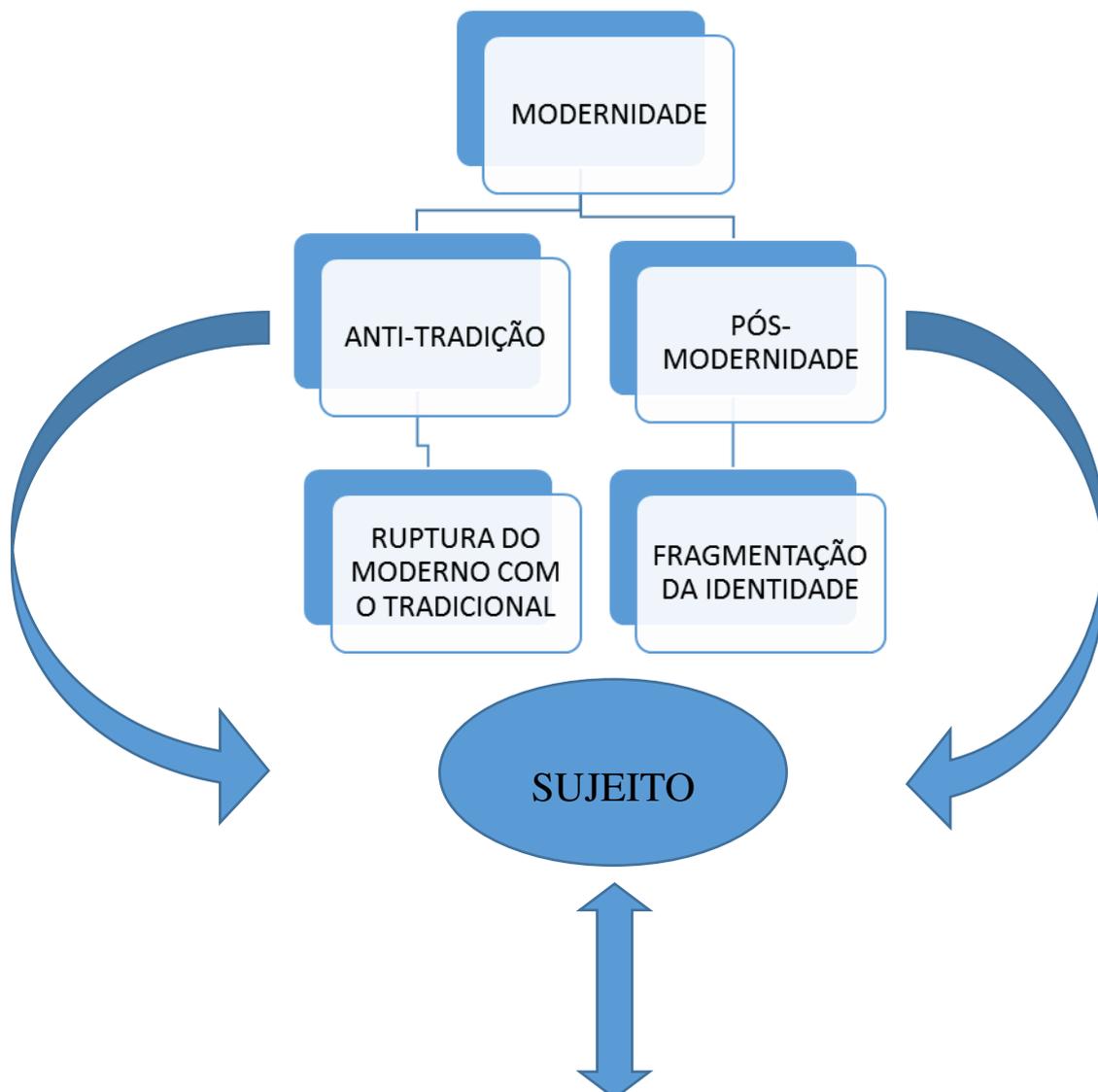
Dessa forma, ao passo que a pós-modernidade possibilita ao indivíduo fazer novas escolhas, adquirir novos hábitos, e não se prender apenas em uma única identidade individualizada. Faz também com que o mesmo se sinta inseguro com relação a determinadas escolhas feitas, já que não consegue saber em que se agarrar para se fixar, pois o mesmo encontra-se em uma sociedade onde as coisas são fluidas e passam por constantes mudanças.

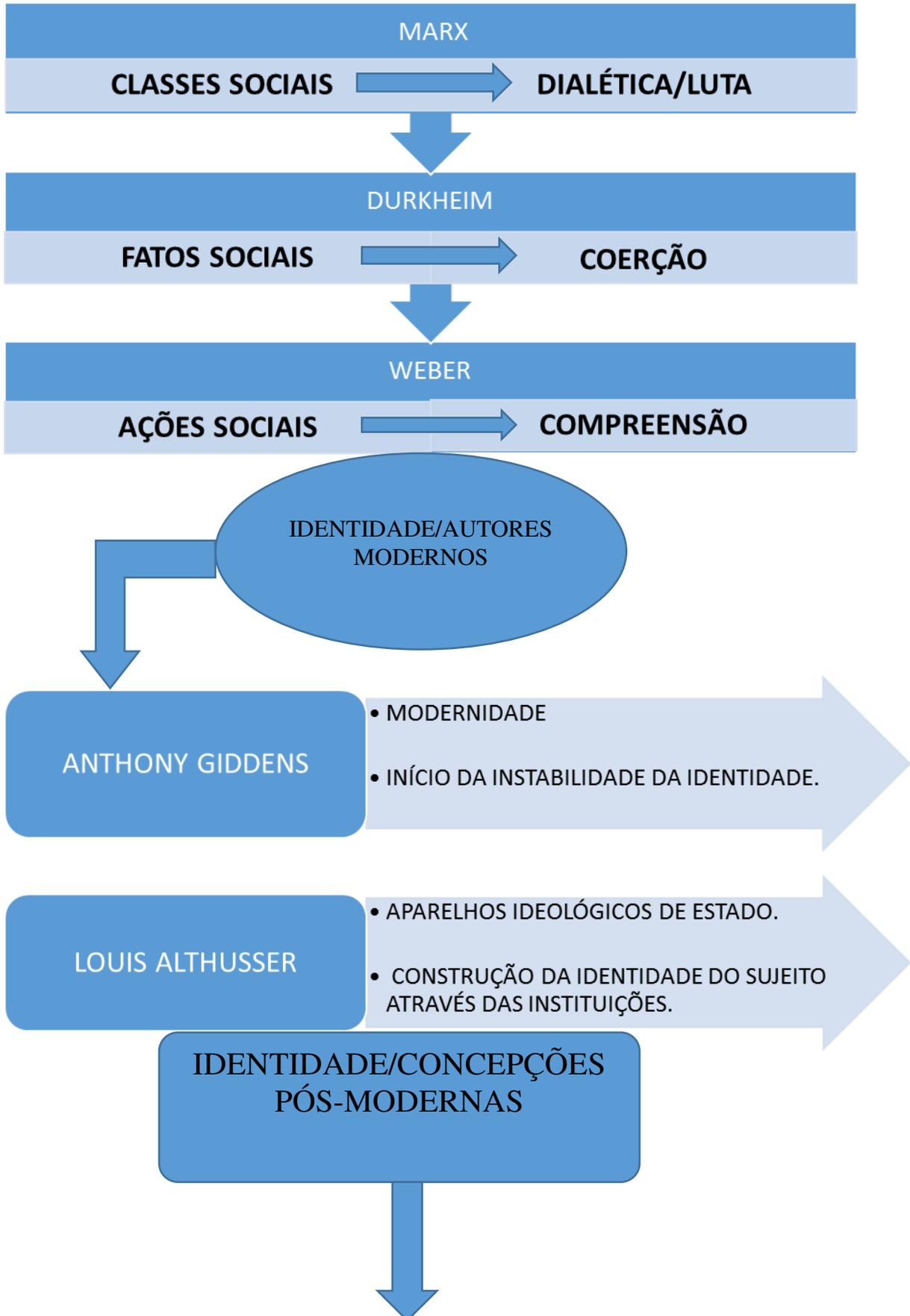
Mas ressaltamos que é exatamente por sentir-se inseguro que o indivíduo tenta adquirir uma nova identidade. É a insegurança em si diante da fluidez da sociedade que levará o sujeito a sentir a necessidade de mudar, de se transformar, de ter uma nova identidade para que possa se adequar a determinado contexto ou ambiente social.

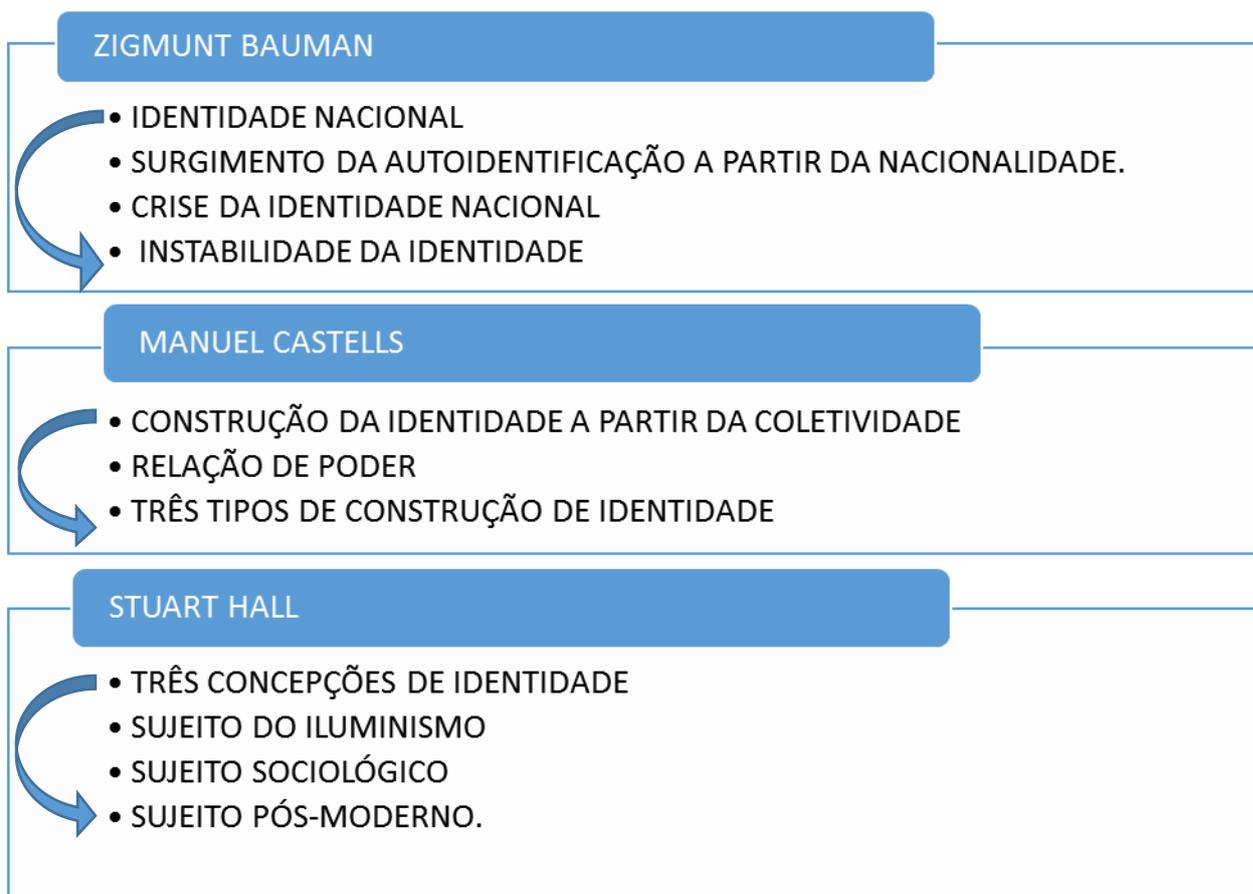
## 5 AMARRANDO AS IDEIAS: produto final

Como esta monografia baseou-se, metodologicamente, em uma revisão de literatura, o que quebra um pouco as expectativas dos trabalhos acadêmicos na grande área das Ciências Humanas, especificamente, na Sociologia em que se costuma realizar a pesquisa de campo, sentimos a necessidade de apresentar um produto final desta pesquisa: um quadro sinóptico das argumentações apresentadas pelos teóricos trazidos ao nosso debate.

Assim, visto que no primeiro capítulo abordamos sobre modernidade e pós-modernidade, iniciamos nosso quadro sinóptico a partir dessa primeira abordagem realizada por nós; dando continuidade com as principais ideias abordadas em cada capítulo, como apresentamos abaixo no quadro sinóptico:







**Fonte: Autora, 2019.**

O quadro mostra, resumidamente, as principais ideias abordadas no decorrer deste trabalho. Inicialmente destacamos os primeiros conceitos discutidos no primeiro capítulo, que são modernidade, trazendo uma discussão pautada na negação da tradição; e pós-modernidade, na qual se inicia a fragmentação da identidade do sujeito. Em seguida trás as concepções de sujeito na modernidade com Marx, Durkheim e Weber, as quais foram discutidas para compreendermos a relação sujeito e sociedade, para que a partir disso pudéssemos desenvolver a discussão sobre a construção da identidade do sujeito, buscando entender como a sociedade pode influenciar nesse processo de construção.

Em seguida, destacamos as principais ideias desenvolvidas no terceiro capítulo sobre a identidade para autores modernos, tal como Anthony Giddens e o início da instabilidade da identidade na modernidade. E Althusser e sua abordagem sobre a construção da identidade do sujeito tendo por base as instituições, as quais são chamadas por Althusser de aparelhos ideológicos de estado.

E por fim, a identidade discutida a partir da visão de autores pós-modernos, bem como, Bauman, o qual desenvolve uma abordagem pautada no conceito de identidade

nacional, e a crise da mesma, o que acaba ocasionando a maior instabilidade da identidade, a qual começa a se fragmentar e a está em constante transformações. Destacamos também a visão de Castells e Hall, em que do primeiro buscamos compreender a identidade a partir da coletividade e da relação de poder. Ressaltando ainda os três tipos de construção de identidade trabalhados pelo mesmo; e do segundo trouxemos uma discussão com base nas três concepções de identidade – sujeito do iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno – para assim concluirmos este trabalho.

## 6 CONCLUSÃO

Buscamos no decorrer deste trabalho fazer uma análise crítica das relações sociais e sua influência na vida dos indivíduos e, principalmente, na construção da identidade do mesmo. Para isso, iniciamos com a discussão voltada para os contextos sociais – modernidade e pós-modernidade – para assim compreendermos o contexto social em que o sujeito se encontra inserido.

Dessa forma, ressaltamos que não há uma ruptura entre modernidade e pós-modernidade, a modernidade não deixou de existir, ocorreram apenas modificações sociais e principalmente tecnológicas e globalizantes que levaram a uma mudança na vida dos indivíduos e de como esses passaram a se relacionar.

E a partir disso, por se encontrar diante de uma realidade em que se percebe o desenvolvimento mais avançado de uma era social, os estudiosos sentiram a necessidade de se dar uma nova denominação a sociedade diante dos novos processos sociais que se encontravam em desenvolvimento, portanto, ocorre além das modificações nas estruturas sociais, apenas a alteração do nome, de modernidade a pós-modernidade, visto ser impossível delimitar um marco de transição entre uma e outra.

Na verdade, alguns teóricos, como Moraes (2011), afirmam que a modernidade nunca cessou, antes possibilitou o surgimento da pós-modernidade, mas nunca deixou de existir. E como ressalta Moraes (2011) “o fato de não haver uma ruptura entre modernidade e pós-modernidade torna difícil nomear o período contemporâneo”. Pois há diversas denominações direcionadas a pós-modernidade, dentre as quais se destacam “modernidade tardia” (Giddens) e “modernidade líquida” (Bauman). Giddens (2002) também acredita que não se trata de uma nova era, “mas sim de vivermos as consequências da modernidade de forma mais radicalizada e universalizada, e denomina este momento como modernidade tardia” (MORAES, 2011).

Portanto, a pós-modernidade é um contexto social que não se rompe com a modernidade, é apenas a continuidade da mesma. No entanto, é uma continuidade que se desenvolve de maneira mais avançada, visto que, a sociedade moderna se forma em meio ao avanço industrial e tecnológico globalizante quando comparada às sociedades tradicionais. E com o passar dos séculos os processos tecnológicos e industriais tornam-se ainda mais avançados a ponto de passarem a influenciar na vida dos indivíduos, nas maneiras como estes se comportam e se relacionam socialmente. Dessa forma, a pós-modernidade seria o contexto

da modernidade onde as instituições e relações sociais tornam-se mais desenvolvidas e avançadas.

O sujeito nas sociedades pré-modernas era guiado através da tradição. E a tradição tinha influência na formação e desenvolvimento do indivíduo, e era uma tradição comum a todos, dessa forma a identidade do sujeito era formada a partir dos ensinamentos que eram repassados através da tradição de forma coletiva.

Sendo assim, a sociedade por meio de sua estruturação social exercia grande influência sobre as pessoas. E com a modernidade e a pós-modernidade se percebe que a estrutura social muda, mas a ação que a mesma exerce sobre os indivíduos não. E foi exatamente essa influência que a sociedade exerce sobre os indivíduos e a construção de sua identidade, que tentamos mostrar no segundo e terceiro capítulo deste trabalho.

Desenvolvemos uma análise das concepções críticas do sujeito e sua relação com a sociedade, e ao fazermos essa análise, trabalhando com Marx, Durkheim, e Weber, procuramos trazer exatamente uma visão crítica da influência que a sociedade tem sobre as ações e os modos de vida dos indivíduos. E a partir disso, percebemos que a sociedade continua atuando direta e indiretamente na formação dos indivíduos e na forma como esses constroem sua identidade. Percebemos que o sujeito permanece preso às amarras da sociedade, o que leva ao mesmo se construir enquanto ser dotado de objetividade até quando tenta falar de sua subjetividade, como destacamos ao analisar a visão de Weber sobre essa objetivação e subjetivação do sujeito.

A subjetividade do sujeito é construída a partir das relações sociais, e a subjetividade é também a identidade mais pessoal que o sujeito constrói sobre si mesmo. Mas essa formação não se dá de forma unicamente subjetiva, uma vez que o sujeito é moldado desde seu nascimento através dos ensinamentos da instituição família, e o que são esses ensinamentos se nada mais que maneiras comportamentais e morais que lhes são ensinadas, e que apreende para si, mas que antes disso, estão exteriores ao sujeito, logo sua base subjetiva, é também objetiva.

Dessa forma, a construção da identidade do sujeito se dá inteiramente por meio das relações sociais e influência que essas relações exercem sobre os indivíduos, pois estes não nascem com uma identidade pronta e determinada, eles constroem sua identidade socialmente. E a modernidade e pós-modernidade trazendo consigo e com todo o desenvolvimento tecnológico e industrial acaba levando o indivíduo a entrar em conflito consigo mesmo e com sua identidade. Uma vez que a forma como as relações passam a se desenvolver e mudarem constantemente, faz também com que o indivíduo sinta a necessidade

de está em constante mudança consigo mesmo e com sua identidade, uma vez que este encontra-se em meio a tantas transformações que já não consegue mais manter uma identidade fixa.

E questionamos, por que o indivíduo passa a sentir dificuldade em manter uma identidade fixa? Simples! Porque o mesmo e toda a construção de sua identidade tem a ação e a influência da sociedade seja por meio de instituições ou de ações sociais exercidas pela sociedade em si, logo, se a sociedade está em constante transformação de seus processos tecnológicos, sociais e culturais, isso afetará também o desenvolvimento social e a construção da identidade do sujeito. E foi essa construção da identidade do sujeito e instabilidade da mesma, que tentamos discutir no terceiro capítulo ao abordamos sobre as concepções de identidade na modernidade e na pós-modernidade.

Para tanto, concluímos que o sujeito desde as sociedades pré-modernas até a pós-modernidade sofre influência da sociedade em sua formação, em suas ações sociais, e na construção de sua identidade, e cada sociedade atuando de acordo com sua estrutura e seus métodos sociais. No entanto, essa influência na construção da identidade do sujeito torna-se maior e mais problemática na pós-modernidade. Pois, é nesse contexto social onde a estrutura da sociedade encontra-se mais desenvolvida tecnologicamente que o sujeito passa a entrar em conflito com sua própria identidade, e a partir disso, deixa de ter uma base fixa que o ajude a manter uma identidade.

Além disso, achamos importante ressaltarmos que quando falamos em identidade e fragmentação ou instabilidade da mesma, estamos nos referindo a como as pessoas se identificam, não nos referimos a papéis sociais, mas sim a própria identidade do sujeito. As pessoas sentem uma dificuldade de se auto identificarem, não conseguem descrever o que são. E essa dificuldade existe por que os indivíduos estão vivenciando tantos acontecimentos, tantas transformações nas relações sociais, na estrutura social e até mesmo cultural que já não conseguem se auto identificarem quando questionados sobre sua identidade.

Como se trata de um esforço teórico e epistemológico a nível de graduação, esperamos ter atingido a pretensão de oferecer um quadro comparativo entre as concepções de sujeito e identidade para a modernidade e pós-modernidade. Mas em se tratando de uma pesquisa incipiente, estamos abertos a críticas e esperamos que possamos provocar o leitor a refletir sobre o tema.

Contudo, frisamos também que atualmente as pessoas relacionam a identidade ou sua auto identificação aos papéis sociais que exercem, tais como professor, médico, advogado; e em casa, quem somos? Mãe?! Pai?! Filho (a) ?! Se auto identificar está para além

de papéis sociais ou de quem somos em casa, no ambiente de trabalho, ou na escola, se auto identificar é trazer o mais profundo e pessoal de si mesmo, é ter uma identidade interna, é conseguir construir uma identidade interna que esteja associada não somente a quem somos enquanto seres sociais que exercem papéis sociais, mas também a quem somos enquanto pessoa dotada de comportamentos e sentimentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, José William Correa de; **A noção de consciência moral em Bernhard Haring e sua contribuição à atual crise de valores. Capítulo 2: O contexto da modernidade e da pós-modernidade.** PUC-RIO, 2007. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10103/10103\\_3.pdf](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10103/10103_3.pdf). Acesso em: 13 ago. 2018.

ABREU, Lidiane Ferreira de; **A publicidade como mediadora cultural da Pós-Modernidade: o caso Oi.** Juiz de fora, 2006.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado.** Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. Editorial presença; Martins Fontes.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro; Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Editora: Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

BATISTA, Jorge Luiz Candido de; **Luta de classes e estratégias: sujeitos de Marx e Foucault diante do confronto.** Universidade Federal do Paraná; Curitiba, 2015.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DURKHEIM, Émile; **Educação e Sociologia.** Tradução de Stephania Matousek. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico;** Tradução Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandão; - 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Da divisão do trabalho social.** Tradução Eduardo Brandão. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERREIRA, D. L. ; BRUSSIO, J. C. . **A construção da identidade quilombola no quilombo Saco das Almas em Brejo-MA.** In: Identidades, Ideologias e Democracia: múltiplos olhares nas Ciências Sociais, 2017, São Luís. Identidades, Ideologias e Democracia: múltiplos olhares nas Ciências Sociais. Anais da II Jornada de Ciências Sociais. SÃO LUÍS: EDUFMA, 2017. v. 2. p. 530-539.

GIDDENS, Antony, **Modernidade e identidade.** Tradução, Plínio Dentzein, - Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **As consequências da Modernidade.** Tradução de Raul Fiker, - São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidade e mediações culturais.** Organização Liv Sovík; tradução: Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: editora UFMG; Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.

INÁCIO, Iago Vinicius Santos, **Sociologia, modernidade e individualismo: um estudo a partir de Durkheim e Simmel.** Universidade de Brasília; Brasília, 05 de julho de 2016.

MIRANDA, Denis de. **A construção da identidade do oficial do Exército Brasileiro.**

Dissertação de Mestrado. – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC- RIO. Rio de Janeiro, 2012.

MORAES, Luciene Aparecida S.S. **Processo de construção da identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola.** Belo Horizonte. 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**; trad. Luis Claudio de Castro e Costa. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **O manifesto comunista**; Ed. Ridendo Castigat Mores; <[www.jahr.org](http://www.jahr.org)>; 1848.

NOTO, Carolina de Souza. **A ontologia do sujeito em Michel Foucault.** Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

RUFINO DOS SANTOS, Ana Paula. **A sociedade moderna e a problematizações da experiência: o sujeito como prática de subjetivação.** Revista Eletrônica de Ciências da Educação – RECE, Campo Largo, v. 16, n. 1 e 2, abril de 2017.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **O problema da objetividade e da subjetividade nas ciências sociais clássicas e contemporâneas: um debate necessário.** Revista Mediações. Londrina, v.1, n.2, p. 21-26, jul/dez., 1996.

TOURAINÉ, Alain; **Crítica da modernidade.** Tradução Elia Ferreira Edel. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; 4<sup>a</sup> ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.